

ENTRE SERINGAIS NATIVOS E MERCADOS SUSTENTÁVEIS: EXTRATIVISMO, TERRITÓRIO E CAPITAL NAS MARGENS DO RIO MACAUÃ (ACRE)

Between Native Rubber Groves and Sustainable Global Markets: Extractivism,
Territory and Capital on the Margins of the Macauã River (Acre)

Willian Carboni Viana

Doutor em Geografia.

Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas. Docente credenciado no Mestrado em Geografia da Universidade Federal do Acre.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4214-2579>

willian.geografiahumana@gmail.com

Manuel de Jesus Masulo da Cruz

Doutor em Geografia.

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-0332-7834>

manuelmasulo@gmail.com

Artigo recebido em junho/25 e aceito em agosto/25

RESUMO

Desde o início do século XXI, assiste-se à crescente valorização de bens extrativistas vinculados a práticas sustentáveis, fomentada pela ampliação da demanda por produtos naturais comprometidos com a responsabilidade socioambiental, tendência que se acentua em nichos específicos de mercado. Nesse contexto, se sobressaem condutas de firmas transnacionais que instrumentalizam a agenda ambiental como diferencial competitivo. São empresas que adotam certificações, incorporam práticas sociais e ambientais alinhadas aos princípios ecológicos e investem em ações de impacto simbólico, contribuindo com discursos de sustentabilidade amplamente aceitos, mas que permanecem ancoradas na racionalidade capitalista. Este artigo analisa a rede produtiva da borracha natural extraída dos seringais nativos situados ao longo do rio Macauã (Sena Madureira, Acre), enfocando as dinâmicas territoriais decorrentes de sua integração aos circuitos comerciais globais de forte apelo ético-ecológico. A investigação voltou-se ao exame das contradições inerentes à progressão capitalista em seu movimento desigual, ressaltando suas reestruturações mais recentes. Para tanto, adotou-se uma abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica, levantamento documental, cartografia temática, observação direta, entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário. Desse modo, a análise foi sistematizada em três eixos principais: (I) organização socioeconômica dos seringueiros; (II) rede produtiva e escoamento da borracha; (III) impactos locais da sua inserção no comércio global. Os resultados evidenciaram arranjos produtivos em consolidação, moldados por exigências internacionais e subordinação territorial. Destaca-se a atuação de uma transnacional que, ao assegurar a compra da maior parte do látex a preços superiores aos usuais, impõe uma relação quase-monopsônica, enquanto os seringueiros mobilizam saberes tradicionais que revelam territorialidades tensionadas, sobretudo pela persistência de modos de vida não hegemônicos.

Palavras-chave: Borracha natural; Extrativismo; Território; Regime alimentar corporativo; Amazônia Ocidental.

ABSTRACT

Since the early 21st century, there has been growing appreciation for extractivist goods associated with sustainable practices, driven by increased demand for natural products committed to socio-environmental responsibility, a trend especially evident in niche markets. In this context, transnational corporations stand out by instrumentalizing the environmental agenda as a competitive advantage. These firms adopt certifications, implement socio-environmental practices aligned with ecological principles, and invest in symbolic-impact actions, contributing to widely accepted sustainability discourses while remaining rooted in capitalist rationality. This article analyzes the production network of natural rubber extracted from native rubber groves along the Macauã River (Sena Madureira, Acre), focusing on the territorial dynamics arising from its integration into global trade circuits with strong ethical-ecological appeal. The investigation examined the contradictions inherent in capitalist expansion and its recent restructurings. A qualitative approach was adopted, based on literature review, document analysis, thematic cartography, direct observation, semi-structured interviews, and a questionnaire. The analysis was structured around three axes: (I) socio-economic organization of rubber tappers; (II) production network and rubber outflow; and (III) local impacts of global market insertion. The results reveal production arrangements in the process of consolidation, shaped by international demands and territorial subordination. A transnational corporation plays a key role by purchasing most of the latex at above-average prices, establishing a quasi-monopsonistic relationship, while rubber tappers mobilize traditional knowledge that reflects territorialities shaped by the persistence of non-hegemonic ways of life.

Keywords: Natural rubber; Extractivism; Territory; Corporate food regime; Western Amazon.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a produção extrativista amazônica tem se reorganizado com a sua inserção no enquadramento contemporâneo das dinâmicas mercadológicas, particularmente em redes globais de comércio justo e sustentabilidade. Entre os agentes atuantes na regulação da produção extrativista, iniciativas transnacionais têm se destacado por estabelecer novas formas de valoração simbólica, econômica e ambiental, visando atender à crescente demanda de mercados consumidores ambientalmente conscientes.

Embora a atribuição de valor aos produtos da floresta não seja exclusiva do século XXI, é nesse tempo que se acentua, alicerçada em novas racionalidades econômicas de longo prazo, pela presença do capital estrangeiro e por mecanismos de governança que articulam mercado e sustentabilidade (Almeida, 2004; Oliveira, 2010; Moura, 2018). No tempo hodierno, observa-se a incorporação da borracha extrativista amazônica a arranjos produtivos associados a redes globais, com práticas tradicionais de manejo cada vez mais ajustadas às exigências do comércio internacional.

Diante desse pano de fundo, este estudo analisou como o látex extraído nos seringais nativos do rio Macauã, em Sena Madureira, estado do Acre, se insere em um nicho específico do mercado sustentável, com forte apelo socioambiental e práticas de comércio justo. No circuito, essa matéria-prima compõe cerca de 30% da borracha utilizada nos solados dos tênis da empresa transnacional francesa Veja (Vert), comercializados mundialmente.

Buscou-se a realização de uma análise crítica das contradições inerentes à progressão capitalista em seu movimento desigual, destacando-se as reestruturações recentes dos sistemas produtivos e seus desdobramentos territoriais e mercadológicos. Perspectiva, esta, relevante para se compreender como territórios extrativistas vêm sendo reconfigurados, pela crescente fixação de seus produtos em redes comerciais internacionalizadas, amparadas por conceitos ambientalmente corretos.

Dessa forma, evidenciam-se as formas de reterritorialização em curso, revelando dinâmicas de subordinação, dependência e adaptação local diante das transformações socioterritoriais em curso. Nesse processo, ocorre a (re)adequação das práticas tradicionais de manejo às exigências impostas pela lógica de mercado, ocorre a monopolização do território pelo capital. Nesse processo, a (re)adequação das práticas tradicionais de manejo às exigências da lógica de mercado caminha junto à monopolização do território pelo capital, que passa a controlar os fluxos produtivos e as formas de uso da floresta.

2. ÁREA DE ESTUDO

A investigação foi realizada em seringais localizados ao longo do rio Macauã e adjacências, zona rural do município de Sena Madureira, Acre. Com uma população de 41.343 habitantes, dos quais 26.943 vivem na zona urbana, o município apresenta uma composição étnica diversa, sendo 4,07% indígenas (1.681 pessoas), 75,09% pardos, 15,65% brancos, 5,12% negros e 0,09% amarelos (IBGE, 2022).

O município de Sena Madureira exerce funções urbanas que atendem parte da Regional Purus, concentrando serviços, comércios e equipamentos públicos que sustentam dinâmicas socioeconômicas regionais. O rio Macauã, que se estende do centro ao norte do município, percorre áreas de floresta densa e comunidades extrativistas, desempenhando papel central na vida cotidiana das populações locais. Crucial durante o auge da produção da borracha, esse rio continua como hidrovia natural de circulação de pessoas e mercadorias, fonte de alimentação, abastecimento e renda. Serve de suporte para a organização produtiva de muitas famílias, que dependem dos recursos que o mesmo proporciona (Silva *et al.*, 2024).

A paisagem em que se insere o município é composta floresta tropical, terrenos suavemente ondulados e pela alternância entre áreas de várzea e terra firme. Essa diversidade ambiental abriga uma grande variedade de espécies, conformando o cenário de comunidades cujos modos de vida permanecem enraizados na floresta.

O trecho do rio abrangido pela pesquisa estende-se na Zona UTM 19L entre as coordenadas 470.646E / 8.912.392N e 530.916.13E 8.984.345N, desde o seringal São Francisco, na cabeceira do rio Macauã, até o seringal São Bento, próximo à desembocadura no igarapé São Pedro – afluente do rio Iaco (Figura 1).

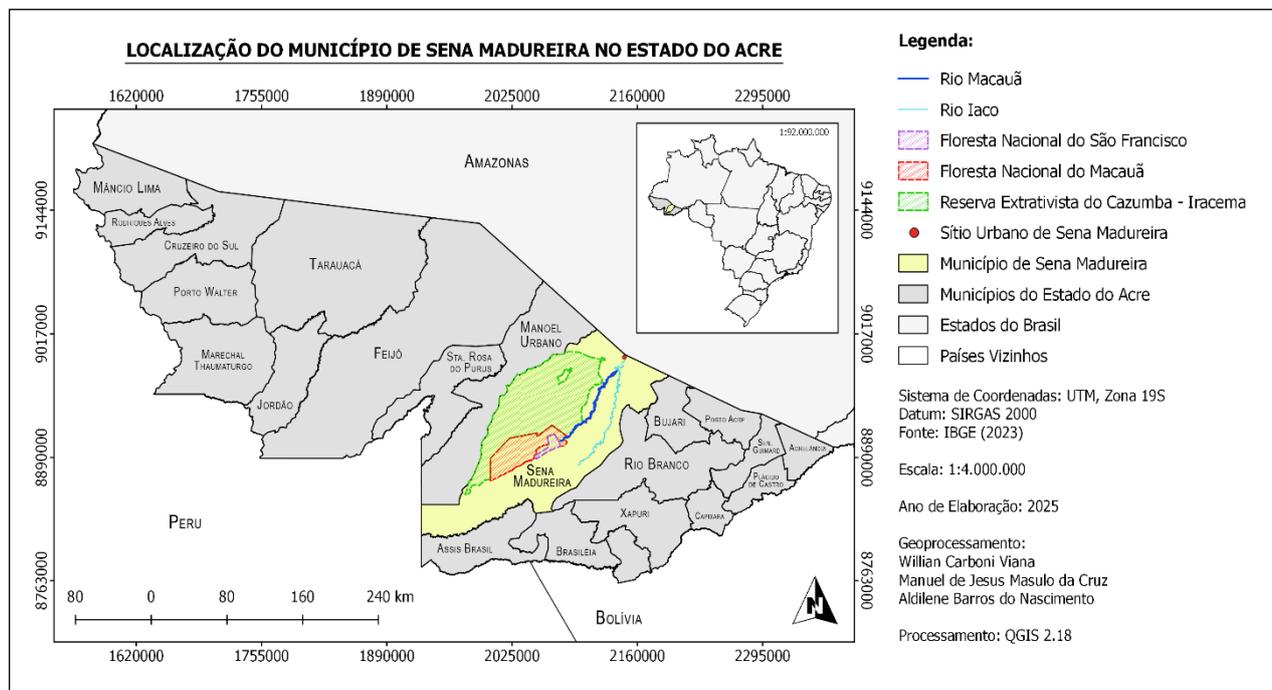


Figura 1 – Localização de Sena Madureira, com foco contextual para a área de estudo.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da base cartográfica do IBGE (2023).

O recorte espacial da pesquisa contempla dez seringais, sendo três inseridos em Projetos de Assentamento (PA) do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e os demais vinculados à Floresta Nacional (FLONA) do Macauã, à Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema e proximidades. Desses, nove mantêm atividade regular e um apresenta produção intermitente.

Nos 10 seringais estudados, há entre 30 e 60 famílias, dedicadas à extração do látex, das quais cerca de 20 residem na FLONA do Macauã, unidade de conservação de uso sustentável. A variação no número de produtores reflete a exploração sazonal por diferentes grupos familiares ao longo dos anos. Tal oscilação pode estar associada às normas de manejo estabelecidas pelos critérios de qualidade da compradora, às instabilidades do mercado ou à dificuldade de permanência das novas gerações na atividade extrativista (Figura 2).

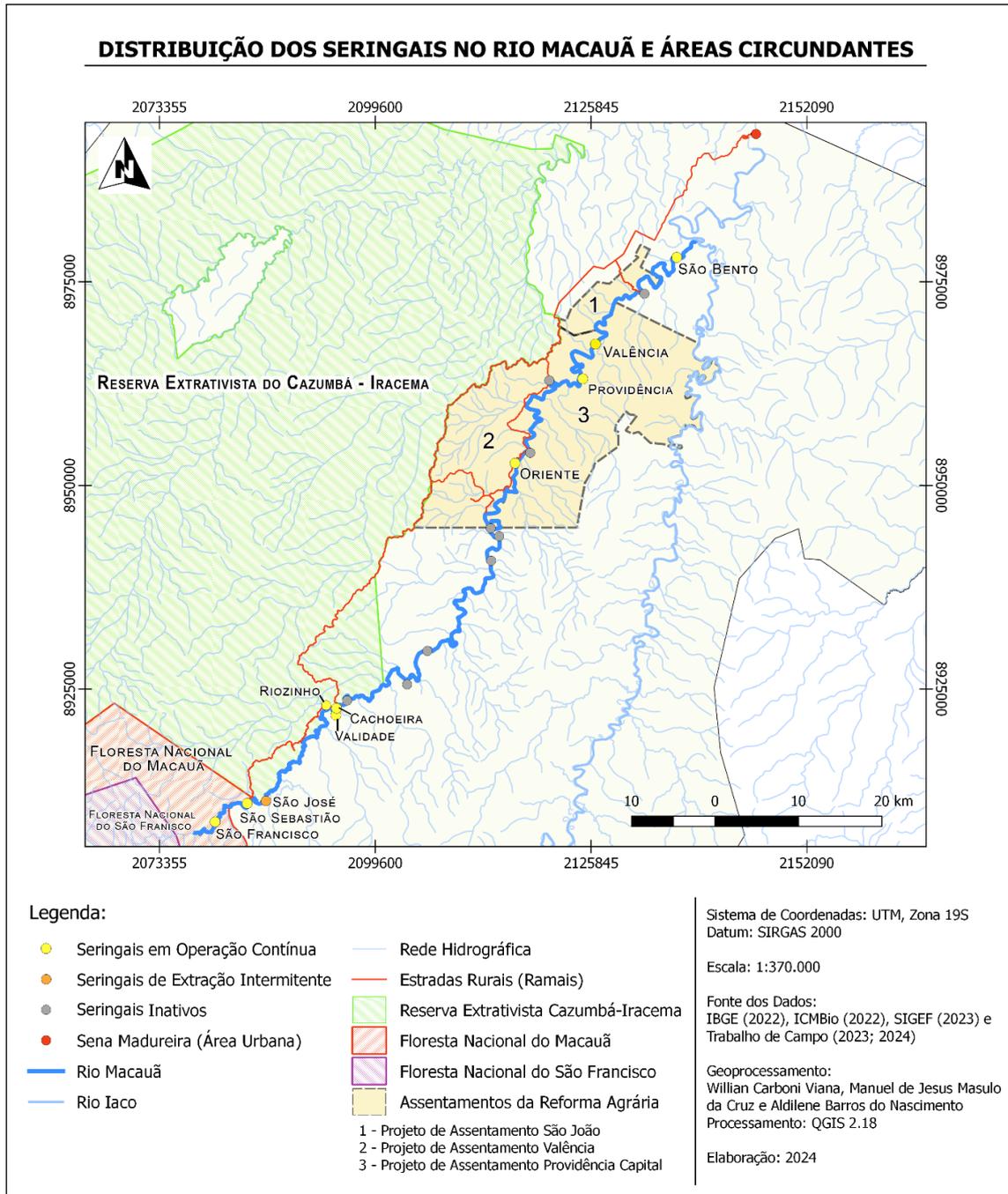


Figura 2 – Distribuição dos seringais ao longo do rio Macaúã e áreas circundantes.

Fonte: Elaboração dos autores a partir de trabalho de campo e das bases em dados do IBGE (2022), ICMBio (2022) e SIGEF (2023).

A comercialização da borracha concentra-se na empresa transnacional francesa Veja, que, por meio de contratos com cooperativas locais, assegura a aquisição da maior parte da produção a preços superiores aos praticados no mercado. O rio Macaúã foi selecionado como área de estudo por constituir um território produtivo moldado na interseção entre políticas públicas e circuitos globais de valor. Sua escolha se justifica pela representatividade dentro da lógica territorial extrativista amazônica, evidenciando um espaço de disputa onde convergem a regulação estatal, as pressões do mercado e as estratégias de resistência camponesa.

Para se entender essas dinâmicas, torna-se essencial integralizar a análise da produção, dos mecanismos de regulação, quer sejam estatais e/ou econômicos, e dos fluxos comerciais que conectam os seringais aludidos às redes comerciais. Tratam-se de componentes fundamentaram na escolha dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa (Diniz, 2019).

3. METODOLOGIA

Esta investigação adotou aproximações com a abordagem qualitativa ao buscar compreender os fenômenos a partir de seus significados, processos e relações, priorizando a interpretação das informações dentro de seus respectivos contextos. Justifica-se a escolha, dessa estratégia investigativa, por permitir uma análise mais holística dos processos e das dinâmicas territoriais presentes no recorte estudado (Godoy, 1995; Macedo, 2004; Bardin, 2011; Lima; Moreira, 2015).

O levantamento bibliográfico, iniciado em meados de 2024, constituiu a base teórica e conceitual. Para a construção da pesquisa, foram consultados autores de referência, como, Philip McMichael, Milton Santos e David Harvey, fundamentais a compreensão das relações entre produção, território e mercado. Para a contextualização, e para a coleta de dados secundários, foram analisados artigos em periódicos indexados, documentos, relatórios, publicações de órgãos oficiais e não governamentais (ONGs), notícias e materiais promocionais da transnacional Veja, acrescidos de fontes relevantes, incluindo bases de dados institucionais.

A coleta de dados primários foi realizada por meio de observação direta e não participante das dinâmicas do circuito de produção da borracha, permitindo o registro das práticas produtivas e organizativas dos seringueiros, assim como das ações dos demais agentes envolvidos. Nomeadamente, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas com 20 famílias de seringueiros, dividindo-se em unidade de produção e grupo doméstico, o que permite captar as dimensões econômicas e sociais da vida nos seringais (Schneider, 2003).

A unidade de produção abrange os membros da família diretamente envolvidos nas atividades, sobretudo, no corte da seringa, no pré-beneficiamento, transporte, negociação, entrega e até a chegada no destino. Por outro lado, o grupo doméstico inclui todos os membros da família, independentemente de sua participação direta no processo produtivo específico, mas englobando outras funções essenciais à reprodução do modo de vida, como, por exemplo, cuidado com a casa, preparo dos alimentos, educação dos filhos, gestão do cotidiano, etc. (Schneider, 2003, p. 73). Em outras palavras, ora foram abordadas as características dos extrativistas diretamente envolvidos com a borracha, ora o conjunto familiar responsável pela manutenção da reprodução da vida nos seringais. O intuito foi a obtenção de uma leitura mais precisa da organização interna das famílias, juntamente com as dinâmicas que sustentam a permanência (ou não) do extrativismo como forma de existência.

A seleção das famílias entrevistadas foi intencional, considerando a diversidade de localização e as condições de acessibilidade durante os trabalhos de campo. Foram realizadas entrevistas complementares com agentes públicos envolvidos na gestão da produção e da comercialização extrativista no município de Sena Madureira.

Os trabalhos de campo ocorreram entre agosto e dezembro de 2024, com as entrevistas sendo realizadas tanto nos seringais, quanto em espaços urbanos de referência. Todas as entrevistas foram transcritas, armazenadas em drive adequado, seguindo-se a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), na qual se buscou identificar padrões narrativos e categorias emergentes, pertinentes à organização produtiva e às suas relações territoriais. Em campo, a observação direta e os registros foram basilares para documentar a infraestrutura, as condições de produção, estratégias comerciais e modos de vida das famílias dos seringueiros. As informações sobre o ambiente e as interações produtivas foram registradas em diário de campo.

A cartografia e a investigação espacial possibilitaram o mapeamento da distribuição dos seringais ativos, inativos e intermitentes em relação às rotas de escoamento da borracha. Utilizou-se do software QGIS para isso, com dados georreferenciados, coletados em campo, incluindo coordenadas geográficas dos seringais obtidas via GPS, além de informações provenientes de bases secundárias, como as disponibilizadas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Sistema de Gestão Fundiária (SIGEF), entre outras.

A análise dos dados foi orientada por três eixos principais: I) organização socioeconômica dos seringueiros; II) rede produtiva e escoamento da borracha; e III) impactos dessa inserção no comércio global. Os resultados foram analisados com base nessas dimensões, buscando-se identificar as oportunidades criadas pela inserção no mercado internacional e as vulnerabilidades advindas da dependência mercantil e/ou das exigências do mercado sobre a produção extrativista.

O rigor metodológico exigiu a utilização de múltiplas fontes de evidências, como observação, entrevistas e análise documental, para garantir a validade dos achados (Yin, 2009; Köche, 2015). Dentro da Geografia, essa conjuntura permite a integração de diversas técnicas de pesquisa, possibilitando análises dimensionais múltiplas, associadas ao espaço com suas relações constituintes (Lima; Moreira, 2015; Paiva, 2024). A metodologia adotada, portanto, não se restringiu a uma estrutura ou *corpus* disciplinar exclusivo, assente em um campo teórico ou objeto científico bem delimitado, mas que se ancora em um procedimento empírico com larga tradição na Geografia Humana.

Nesta pesquisa, o enfoque recai sobre a Geografia Econômica e Social, com as múltiplas técnicas para a compreensão das dinâmicas territoriais e produtivas. Com base nesse desenho metodológico, torna-se necessário explorar os aportes teóricos que fundamentam a análise da rede produtiva e das transformações territoriais em curso.

4. REVISÃO DE LITERATURA

4.1. Categoria de análise

Este artigo parte da hipótese de que os territórios extrativistas da Amazônia Ocidental vêm sendo reconfigurados por meio de sua inserção subordinada em encadeamentos de mercados científico-globalizados (Santos, 2006). A categoria central de análise é o território, aqui compreendido como espaço de mediação entre práticas produtivas, dinâmicas socioeconômicas e relações de poder.

Adota-se, neste estudo, o conceito de território usado, ou “espaço historicizado”, conforme proposto por Santos (2006), que se manifesta nas dimensões de território-abrigo e território-recurso. A primeira refere-se ao espaço como “quadro de vida” de um grupo social, carregado de significados emocionais, culturais e identitários; a segunda diz respeito ao território funcionalizado pelas lógicas econômicas e estratégicas do capital.

O território é o espaço onde se desenvolvem as tecnologias de produção e circulação, marcado por dinâmicas desiguais, transformações constantes e pela exteriorização de relações de poder (Suertegaray, 2003). Em tempos de compressão espaço-temporal, tais dinâmicas se intensificam, promovendo novas imposições geográficas e temporais (Harvey, 1992; 2005). Ao mesmo tempo, carrega atributos do passado e do presente, sendo continuamente moldado por processos históricos e pelas ações dos agentes que nele atuam (Santos, 1996; 2006).

Nas últimas décadas, o conceito de território tem sido amplamente utilizado em contextos latino-americanos para evidenciar disputas políticas, mobilizações culturais e arranjos sociais heterogêneos (Viana; Terra, 2024). Nesse enfoque, o território é uma construção marcada por conflitos, processos de legitimidade e disputas por reconhecimento, uso e permanência.

Diante disso, analisar as mudanças nos territórios extrativistas amazônicos exige considerar os mecanismos pelos quais o capital global reorganiza os espaços e redefine relações sociais locais. Assim, emprega-se a noção de Regime Alimentar Corporativo, proposta pelo sociólogo australiano Philip David McMichael (1995; 2005; 2009; 2017), aqui estendida analiticamente a borracha. Essa perspectiva contribui para evidenciar como as lógicas corporativas reestruturam sistemas produtivos e moldam os territórios.

Mesmo sendo voltado originalmente ao setor alimentar, o conceito de regime alimentar corporativo revela potência analítica ao evidenciar como valores simbólicos, como sustentabilidade e comércio justo, são instrumentalizados como mecanismos de controle territorial, inclusive em redes produtivas tradicionais e extrativistas.

Philip McMichael (*Op. cit.*) identifica três dimensões interligadas da relação entre território e regime corporativo, apresentadas aqui de forma sintética:

1) Território como lugar sociogeográfico – Para os agricultores camponeses e comunidades extrativistas, o território é o espaço onde se enraízam práticas produtivas, saberes locais e formas de reprodução social. É nesse espaço vivido que se constroem identidades e formas de resistência à lógica globalizada.

2) Des-territorialização – No modelo corporativo, territórios nacionais e locais são subordinados a uma “agricultura mundial” e a cadeias de valor transnacionais, orientadas por normas do mercado internacional e estratégias empresariais que fragmentam os vínculos territoriais.

3) Reterritorialização pela soberania alimentar – Em contrapartida, movimentos sociais buscam recuperar a autodeterminação territorial, por meio de práticas que valorizam a diversidade, o controle local da produção e a gestão coletiva dos bens comuns.

Inserida nesse contexto de des-territorialização, a monopolização do território pelo capital manifesta-se na forma como políticas públicas e dinâmicas de mercado atuam para redefinir práticas produtivas e relações sociais (Harvey, 2005). Isso ocorre por meio da regulação fundiária, de exigências institucionais e ambientais, e da padronização de processos produtivos, conectando atividades locais a circuitos internacionais de comercialização (McMichael, 2009; 2017).

Esse processo reorganiza os usos da terra, as sociabilidades e os sentidos de valor muitas vezes convertendo territórios historicamente geridos por práticas coletivas em espaços funcionalizados ao mercado (Oliveira, 2007; Diniz, 2019). Com isso, ocorre a subordinação simbólica e normativa dos sujeitos e das práticas locais às exigências externas de certificação, rastreabilidade e desempenho ambiental.

Paralelamente, adota-se a noção de rede de produção como categoria territorial que expressa as conexões materiais e simbólicas entre os agentes envolvidos no processo produtivo, da coleta ao consumo final (Santos, 1999; Diniz, 2019). A produção da borracha natural, sob a perspectiva aludida, estrutura-se por meio de fluxos, circuitos e normas que operam em múltiplas escalas, conformando uma territorialidade relacional sustentada por vínculos econômicos, institucionais e socioculturais. Essa leitura é também sustentada pelo conceito de agricultura científico-globalizada, para caracterizar formas de produção baseadas em pacotes tecnológicos, certificações, padrões internacionais e controle mercadológico.

No caso da borracha, embora a coleta permaneça tradicional, a inserção em redes globais impõe exigências alinhadas a essa lógica técnico-empresarial, ainda que mediadas por arranjos híbridos. Como descrito anteriormente, em Milton Santos (1994; 1996; 2000) o território é concebido na dualidade entre território-abrigo e território-recurso. Uma instância de mediação entre racionalidades técnico-científico-informacionais e os usos sociais do espaço. Contextualmente, os seringais do rio Macauã são tensionados por racionalidades distintas: de um lado, a reprodução de modos de vida tradicionais; de outro, a mercantilização desses mesmos modos pela lógica corporativa.

Nesse mesmo horizonte analítico, a leitura de David Harvey (1992; 2005) contribui para aprofundar a compreensão da atuação do capital em sua dinâmica de expansão desigual e combinada. O conceito de acumulação por desapropriação, central em sua obra, evidencia como práticas tradicionais são recodificadas por exigências externas que impõem novas temporalidades, formas de controle e relações de dependência.

As redes globais de valor, como aponta McMichael, operam para além das estruturas logísticas, como formas de governança corporativa que impõem racionalidades externas aos territórios locais. Por meio de contratos, certificações e discursos de sustentabilidade, redefinem os usos do território e convertem bens simbólicos em instrumentos normativos.

A coexistência de racionalidades distintas em um mesmo espaço expressa o que pode ser denominado de dimensão hiperdialética do território: uma configuração na qual usos tradicionais e imperativos do capital se sobrepõem, tensionam-se, adaptam-se ou entram em confronto. Práticas locais não são simplesmente extintas, mas ressignificadas e, por vezes, subalternizadas (Diniz, 2019).

No caso dos seringueiros do rio Macauã, a coleta tradicional do látex persiste, mas está inserida em um sistema que exige certificações, regulação institucional e rastreabilidade. O território, então, passa a ser configurado como espaço de permanência e, ao mesmo tempo, de adaptação, onde os sujeitos sociais negociam suas práticas diante das novas formas de valorização mercantil da floresta. Dessa forma, o estudo direciona-se à análise das contradições produzidas pela expansão do capital em sua dinâmica desigual e combinada, com atenção às reconfigurações recentes dos sistemas produtivos sob a lógica do Regime Alimentar Corporativo.

4.2. A economia da borracha

4.2.1. Contextualização da borracha natural na Amazônia

A exploração da borracha natural desempenhou um papel central na formação territorial, econômica e social do Acre, especialmente entre o final do século XIX e meados do século XX, período marcado pela expansão e consolidação da economia seringueira.

Durante o auge da economia da borracha entre 1879 e 1912, a alta demanda global colocou a região no centro da economia mundial, atraindo milhares de migrantes nordestinos para os seringais (Pontes, 2014). Essa dinâmica consolidou uma relação profunda entre os trabalhadores migrantes e a floresta, ampliando e ressignificando territorialidades já existentes, historicamente, construídas pelos povos indígenas. O espaço amazônico passou a ser funcionalizado como território de produção, sem deixar de ser abrigo cultural, simbólico e espiritual para diferentes grupos sociais (Oliveira, 2010).

A formação societária de Sena Madureira resulta da confluência de diversos grupos étnicos, incluindo povos indígenas, migrantes nordestinos e imigrantes oriundos de países vizinhos, como Bolívia e Peru (Pontes, 2014; Silva, 2015). Desde o auge da economia da borracha, o município passou a concentrar fluxos de trabalhadores de diferentes origens, que, ao longo do tempo, se integraram à vida comunitária e às práticas socioculturais locais (Morais; Alves; Bonfanti, 2020).

Os períodos de crescimento econômico baseados na borracha não se sustentaram, sendo interrompidos por crises econômicas e fitossanitárias. Um dos marcos desse declínio ocorreu no início do século XX, com a propagação do mal-das-folhas (*Microcyclus ulei*), doença que comprometeu as seringueiras e reduziu a produtividade dos seringais brasileiros. Em paralelo, a ascensão da borracha no Sudeste Asiático, sob domínio britânico, acelerou a perda de competitividade amazônica (Albuquerque; Silva, 2008; Oliveira, 2010; Lima, 2016). No estado do Acre, esse cenário contribuiu para a marginalização dos seringueiros, comprometendo sua permanência no território e enfraquecendo a continuidade de práticas tradicionais (Pontes, 2014).

O declínio da hegemonia brasileira na produção de borracha, consolidado com a difusão da borracha sintética ao longo do século XX, os seringais acreanos resistiram como espaços de memória e práticas culturais, sustentados por seringueiros que mantiveram a extração do látex como parte de sua identidade e estratégia de vida (Almeida, 2004; Oliveira, 2010).

A partir da década de 1970, as políticas de colonização e incentivos fiscais promoveram a conversão de amplas áreas de floresta em pastagens e monoculturas, desestruturando o extrativismo e intensificando a sua marginalização. A produção de borracha nativa passou a enfrentar sérios obstáculos estruturais, como, por exemplo, dispersão geográfica dos seringais, dificuldades logísticas, baixa produtividade e escassez de políticas públicas. Esses fatores agravaram a dependência em relação a nichos de mercado e iniciativas específicas de valorização, resultando em deslocamentos populacionais e mudanças nas dinâmicas produtivas.

Durante os anos 1980, em meio ao avanço da fronteira agropecuária e à crescente pressão fundiária, os seringueiros começaram a organizar estratégias de resistência, muitas vezes articuladas com movimentos ambientalistas (Almeida, 2004).

A atuação de lideranças como Chico Mendes foi decisiva para inserir o extrativismo no centro de uma nova agenda política voltada à proteção da floresta mediante o uso sustentável (ODTA, 2012). Dessa articulação surgiram as Reservas Extrativistas, que deram visibilidade internacional aos modos de vida tradicionais, ao mesmo tempo, em que reforçaram o valor simbólico da floresta manejada.

É nesse contexto de transição, entre crises econômicas, desvalorização institucional e reorganização territorial, que se insere a revalorização contemporânea da borracha nativa, agora vinculada a novas racionalidades de mercado, amparadas nas exigências do chamado capitalismo verde ou sustentável (Moura, 2018). A borracha amazônica, antes marginalizada, ressurgiu como ativo simbólico e econômico em redes comerciais que integram critérios de sustentabilidade, rastreabilidade e responsabilidade socioambiental.

4.2.2. A borracha no mercado global

O declínio da produção de borracha na Amazônia, iniciado nas primeiras décadas do século XX, representou a transferência dessa atividade para outras regiões tropicais, como o Sudeste Asiático, onde a produção foi reorganizada segundo moldes mais intensivos e tecnificados. Esse deslocamento geográfico consolidou grandes plantações, organizadas em escala industrial, capitaneadas pelo forte domínio empresarial, com base na previsibilidade produtiva, na padronização e no controle sanitário (Teixeira, 2005; Lima, 2015; Pontes, 2014) (Figura 3).



Figura 3 – Seringueira cortada no interior do seringal Iracema (colocação Maloca), dentro da Reserva Extrativista do Cazumba-Iracema. A técnica de extração e a coleta do látex evidenciam o saber tradicional mantido pelos seringueiros.
Fonte: Foto registrada em campo por Airton de Mesquita Silva (2022).

No Brasil, a produção de borracha passou por um processo de reterritorialização. Antes centrada nos seringais nativos da Amazônia, sobretudo nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia e Pará, a atividade sofreu declínio em função de entraves ambientais e produtivos. Como alternativa, a seringueira passou a ser cultivada em regiões com clima mais seco, menos propensas a doenças foliares, abrangendo estados como São Paulo, Espírito Santo, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul (Landau *et al.*, 2020).

Dentre essas regiões, São Paulo consolidou-se como o principal polo produtor, beneficiado por condições climáticas favoráveis e elevados investimentos em tecnologia agrícola. Atualmente, o estado é responsável por cerca de 64% da produção brasileira de borracha natural (Brasil, 2024), com destaque para o noroeste paulista, onde a menor incidência de doenças foliares viabiliza o cultivo tecnificado em larga escala (Embrapa, 2002; Landau *et al.*, 2022).

Na Amazônia, a produção de borracha natural é relativamente reduzida. Em 2022, a Amazônia Legal produziu cerca de 1.058 toneladas provenientes da extração florestal. Os estados do Amazonas e do Acre lideram a produção regional, com médias anuais de 360 e 357 toneladas, respectivamente, no triênio 2020-2022. Rondônia ocupa a terceira posição, com uma média anual de 144 toneladas (Fórum do Acre, 2024).

Nas últimas décadas, consolida-se um novo padrão de inserção da borracha natural em redes globais de valor, impulsionado por discursos de sustentabilidade, rastreabilidade e comércio justo. Diferentemente do que ocorre em países como Tailândia, Indonésia e Índia, onde grandes corporações do setor pneumático, como Michelin, Pirelli e Goodyear, lideram iniciativas de certificação e rastreamento voltadas à indústria de larga escala, no Acre o valor atribuído à borracha extrativista decorre menos da escala produtiva e mais de seu simbolismo socioambiental.

A produção de borracha natural articula elementos históricos e contemporâneos, conectando pequenos produtores a redes de consumo ético e sustentável. Embora a maior parte da produção nacional atualmente se concentre no Sudeste, com destaque para São Paulo (IBGE, 2021; 2024), a Amazônia permanece relevante pela preservação de práticas tradicionais baseadas na extração direta do látex da floresta.

Enquanto a borracha cultivada segue a lógica da agricultura científico-industrial, orientada pela produtividade, padronização e racionalidade econômica, a borracha extrativista carrega um valor simbólico e territorial próprio, associado à conservação florestal, à valorização dos modos de vida tradicionais e à sustentabilidade. Essa distinção envolve dimensões técnicas, mas também diferentes formas de apropriação do território.

A borracha extraída da floresta provém de seringueiras nativas em ambientes não controlados, onde o látex é colhido por famílias em áreas dispersas. O processo é caracterizado por baixa densidade

de árvores por hectare, menor previsibilidade de produção e grande dependência de condições naturais. Em contraste, a borracha cultivada provém de monoculturas organizadas, com alta densidade de plantio, uso intensivo de tecnologia e produção escalonada para atender ao mercado industrial.

Apesar das disparidades estruturais entre os modelos produtivos, observa-se, no século XXI, uma reconfiguração discursiva em torno da borracha nativa da Amazônia. Impulsionada por pautas socioambientais, pelo avanço da bioeconomia e pela inserção em nichos de mercado sustentáveis.

Esse movimento de revalorização da borracha extrativista vem se materializando em projetos que incentivam comunidades tradicionais a retomar a atividade. No Amazonas, por exemplo, seringueiros do município de Manicoré entregaram 40 toneladas de borracha à Michelin em 2023, movimentando cerca de R\$ 550 mil naquele ano (IDAM *apud* RealTime, 2023). Outro é o projeto “Juntos pelo Extrativismo da Borracha na Amazônia”, que, em 2022, beneficiou 4.170 famílias e contribuiu para a conservação de mais de 60 mil hectares de floresta (Amazonas, 2024).

No Acre, destaca-se a atuação da empresa Veja, reconhecida pela produção de calçados sustentáveis. Desde 2007, a empresa mantém parceria com a Amopreab, coordenando a produção de borracha e remunerando seringueiros da Reserva Extrativista Chico Mendes com preços diferenciados. Atualmente, mais de 1.200 famílias, organizadas por meio de associações locais, integram o projeto (Veja Store, 2024).

Essa revalorização, contudo, é marcada por contradições (Moura, 2018). O látex se torna um produto de nicho territorializado, cujo valor depende da manutenção de narrativas controladas por agentes externos (Oliveira, 2010; McMichael, 2017). Nessa lógica, a produção de borracha integra um processo contínuo de territorialização e reterritorialização pelo capital. A reconfiguração das redes de produção e comercialização não elimina desigualdades históricas, as reorganiza em novas formas.

O extrativismo amazônico, ao ser incorporado a redes globais de valor, passa a operar sob a lógica da dependência, agora mediada por dispositivos contemporâneos como contratos éticos, selos de sustentabilidade e protocolos de rastreabilidade. Conhecer os sujeitos que sustentam essa atividade torna-se essencial para compreender os sentidos da permanência, as contradições cotidianas e as dinâmicas socioeconômicas que configuram os territórios extrativistas amazônicos

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa realizada junto aos seringueiros do rio Macauã revelam transformações socioterritoriais associadas à inserção da produção de borracha natural em redes globais de valor sustentável.

5.1. Os Seringueiros do rio Macauã

A análise socioeconômica dos entrevistados revela elementos importantes para compreender as condições de vida e de trabalho dos seringueiros do rio Macauã. Foram entrevistadas 20 famílias residentes na área de estudo, conforme já mencionado. Para fins analíticos, a noção de família foi desdobrada entre unidade de produção e grupo doméstico, permitindo diferenciar as dimensões do trabalho extrativo das práticas que compõem a vida no seringal (Schneider, 2003).

Considerando apenas os adultos diretamente envolvidos na produção da borracha, foram identificados 23 cortadores, compondo a família enquanto unidade produtiva. A idade média dos cortadores é de aproximadamente 43,4 anos, com maior concentração na faixa etária de 31 a 45 anos (Tabela 1).

Tabela 1: Distribuição etária dos trabalhadores diretamente envolvidos na produção da borracha.

Faixa Etária (anos)	Quantitativo	Percentual (%)
18 - 30	4	17,4
31-45	10	43,5
46-60	6	26,1
Acima de 60	3	13

Fonte: Informações recolhidas em trabalho de campo.

A predominância de adultos maduros indica a permanência de trabalhadores experientes nos processos extrativos, acompanhada da redução do ingresso de jovens na atividade. Em algumas residências, observaram-se menores, entre 10 e 12 anos e de adolescentes mais velhos, que acompanham os pais nos afazeres cotidianos de maneira formativa, em horários distintos da escola. As mulheres, ainda que em menor número entre os extratores, desempenham papéis importantes na gestão do grupo doméstico e na unidade produtiva, tanto no apoio às atividades extrativas ou em outras atribuições relacionadas a agricultura (Nascimento; Viana; Cruz, 2025).

O grupo familiar é predominantemente formado por 4 a 6 membros (55%), embora também se observem famílias com até 3 pessoas (20%) e núcleos mais numerosos, com mais de 6 integrantes (25%). O predomínio de famílias médias, formadas por 4 a 6 pessoas, indica estruturas que favorecem a divisão de tarefas no cotidiano. Por outro lado, a presença de núcleos menores pode refletir situações de transição, como a saída dos filhos, ou processos de envelhecimento. Já as famílias com mais de 6 integrantes podem sugerir arranjos amplos e intergeracionais.

A composição observada nos seringais do rio Macauã converge com elementos basilares da organização e reprodução social dos extrativistas amazônicos, cuja economia repousa no seio do trabalho familiar. A divisão intergeracional de tarefas reflete a articulação entre a produção e as dinâmicas da vida cotidiana, e não apenas com a ocupação, em que a cooperação sustenta tanto a

atividade extrativa, quanto as ações de socialização, incluindo-se menores nas práticas coletivas (Cruz, 2023).

No que se refere ao nível de escolaridade dos adultos da unidade produtiva, observou-se um quadro marcado pela baixa escolaridade. Dos 23 seringueiros avaliados, 6 não são alfabetizados (26,1%), 11 possuem apenas o Ensino Fundamental incompleto (47,8%), 3 concluíram o Ensino Fundamental (13,0%) e 3 atingiram o Ensino Médio completo (13,0%). Esses dados são condizentes com as limitações históricas no acesso à educação básica nesses territórios (Sousa; Colares, 2022; Farias; Azevedo, 2025). A baixa escolarização não anula, contudo, a presença de saberes tradicionais e experiências acumuladas no manejo da floresta, tão fundamentais ao extrativismo.

A maioria das famílias pratica de subsistência, com cultivos adaptados às variações sazonais do ambiente, respeitando-se as épocas de plantio durante o ano. São cultivados alimentos como arroz, mandioca e banana, compondo uma base alimentar. Durante o período de seca do rio, aproveitam as áreas de várzea expostas, em um sistema conhecido localmente como “plantio de praia”, para o cultivo de feijão e melancia, evidenciando o uso estratégico do território em função do regime hidrológico. Entre os entrevistados, dois produtores destacaram-se por fabricar e comercializar farinha de mandioca.

No que se refere à pecuária, a presença de animais de grande porte é bastante limitada entre os seringueiros do rio Macauã. Apenas três famílias possuem rebanhos bovinos, com média de 10 a 12 cabeças, cuja comercialização ocorre de forma esporádica, geralmente não ultrapassando a venda de duas vacas e dois bezerros por ano. Essa baixa incidência está diretamente relacionada às restrições impostas pelo modelo de uso das Reservas Extrativistas, que limitam práticas associadas ao desmatamento e à ampliação de pastagens. Ao contrário do que se observa em áreas fora das unidades de conservação, como nos projetos de assentamento, onde há maior tendência à complementação da renda familiar por meio da criação de gado, nas reservas a pecuária é residual, exercendo papel secundário na economia das famílias.

Todas as famílias criam animais de pequeno porte, principalmente galináceos e suínos, cuja produção é destinada ao consumo doméstico. Essas práticas integram um sistema produtivo voltado à subsistência, em que o aproveitamento de recursos disponíveis no próprio território é essencial para garantir a segurança alimentar das famílias. A criação de animais, a pesca e a caça são atividades complementares, realizadas para autoconsumo, reforçando a relação direta entre os modos de vida e a reprodução do grupo familiar no interior da floresta. Realizam, ainda, a extração de produtos da floresta voltados ao consumo próprio, mantendo viva uma relação histórica de uso múltiplo dos recursos naturais disponíveis.

Em experiências pontuais, algumas famílias nas Florestas Nacionais Macauã e São Francisco tentaram diversificar sua produção com o cultivo de cacau, por meio de projetos que previam repasse de insumos financiados pela Fundação Banco do Brasil. No entanto, essas iniciativas não prosperaram. Segundo relatos, a principal dificuldade enfrentada foi a predação precoce dos frutos por macacos, inviabilizando a colheita e desestimulando a continuidade do cultivo. Por outro lado, uma parte relevante das famílias vem se envolvendo com a coleta de sementes de espécies nativas de grande porte e alto valor madeireiro, como cedro, mogno e cerejeira.

Cerca de 12 famílias participam atualmente de um projeto de coleta vinculado à organização SOS Amazônia, que visa à comercialização dessas sementes e à promoção da restauração ecológica. Essas práticas representam estratégias de geração de renda complementar, aliadas à conservação ambiental, articulando saberes tradicionais ao engajamento em redes institucionais voltadas à sustentabilidade. Produtos como a castanha-do-Brasil são comercializados por meio da Cooperiaco, no Mercado do Seringueiro e/ou, eventualmente, nas feiras locais, indicando que as unidades produtivas buscam diferentes canais para a venda do que produzem.

As famílias apresentaram uma renda média mensal inferior a R\$ 1.200, demonstrando a condição econômica abaixo dos padrões regionais. Para fins de comparação, o salário médio mensal dos trabalhadores formais em Sena Madureira, segundo dados do IBGE (2022), corresponde a aproximadamente 1,6 salários mínimos, o que equivale a R\$ 2.428,80. No setor informal, embora os rendimentos variem, estima-se que a média diária seja em torno de R\$ 100 por dia trabalhado, valor que supera o rendimento médio mensal das famílias participantes dessa pesquisa. Essa discrepância torna-se ainda mais evidente quando se considera o rendimento nominal mensal domiciliar per capita do Acre, estimado em R\$ 1.271 (IBGE, 2024), reforçando a posição de vulnerabilidade econômica vivida por grande parte das famílias que vivem da extração da borracha (Harvey, 2005).

Todas as famílias entrevistadas são beneficiárias do Programa Bolsa Família (PBF), política pública voltada à mitigação das desigualdades socioeconômicas. Para receber o benefício, a renda mensal por pessoa da família deve ser inferior a R\$ 218, o que caracteriza a condição de pobreza. Recebem também a bolsa socioambiental, para incentivar a manutenção da floresta.

O suporte financeiro proporcionado por programas de transferência de renda, revelam-se importantes para a estabilidade econômica das famílias. A própria presença dos seringais ativos em áreas de assentamentos da reforma agrária e nas unidades de conservação, evidencia o papel das políticas públicas na manutenção da atividade extrativista, mesmo que sua efetividade dependa das condições de implementação e do acesso dos seringueiros aos benefícios propostos.

As moradias observadas apresentam, em sua maioria, estrutura simples, composta, geralmente, por quatro cômodos: dois quartos, sala e cozinha, sem banheiro sanitário. As construções são

majoritariamente de madeira, cobertas por telhas ou chapas de zinco, refletindo os materiais mais acessíveis e comuns da região. A água potável consumida pelas famílias é proveniente de nascentes ou diretamente do rio Macauã, enquanto os resíduos sólidos domiciliares, na ausência de um sistema regular de coleta, são normalmente queimados nas proximidades das casas.

Entre as 20 residências, 18 delas possuem sistema de captação de energia solar, sendo que na Resex do Cazumba-Iracema e nas florestas nacionais do Macauã e São Francisco, localidades mais distantes da cidade, as placas solares foram implementadas em 2024, por meio da parceria entre o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e a fornecedora Energia. A energia solar tem melhorado o cotidiano das famílias, permitindo iluminação noturna, uso de pequenos eletrodomésticos e conservação de alimentos, o que eleva as condições de habitabilidade em áreas mais distantes.

O acesso a serviços básicos é marcado por grandes distâncias e baixa frequência de atendimento. No que se refere à educação, ainda com dificuldades, há esforços das instituições públicas no sentido de ampliar a oferta formativa no meio rural de Sena Madureira. Atualmente, há escolas em pontos estratégicos que atendem a maioria das famílias. Para o caso da resex do Cazumbá-Iracema, ocorreram, entre 2014 e 2017, cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), vinculados ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec), foram promovidos pelo Instituto Federal do Acre (IFAC), contribuindo pontualmente com a qualificação dos moradores em áreas profissionais específicas (Farias; Azevedo, 2025; Farias *et al.*, 2025).

O atendimento à saúde pública ocorre, em média, duas vezes ao ano, por meio de ações itinerantes organizadas pela prefeitura municipal de Sena Madureira, que mobiliza equipes multidisciplinares para prestar serviços nos próprios seringais. O deslocamento até a cidade leva até dois dias de barco, especialmente para as famílias que vivem mais distantes. Conforme o Plano de Manejo das Florestas Nacionais do Macauã e do São Francisco, o acesso terrestre só é possível na estiagem (maio a outubro) por ramais por cerca de 150 km até a sede da associação. Dali em diante, são mais 20 km intransitáveis para veículos convencionais.

No inverno amazônico (novembro a abril), o transporte ocorre por via fluvial, pelos rios Iaco e Macauã. Dentro das FLONA's, o deslocamento depende dos igarapés na cheia ou é feito a pé e com animais de carga na seca (ICMBIO, 2016). Quanto à comunicação, apenas seis das vinte famílias possuem acesso à rede de telefonia móvel. Como alternativa, destaca-se a Rádio Difusora de Sena Madureira, fundada em 1980, cujo sinal abrange grande parte da zona rural. A emissora é utilizada pelas famílias, quando estão na cidade, para enviar mensagens a parentes e conhecidos que permanecem nos seringais (Silva *et al.*, 2024), o que expõe o grau de isolamento em que se encontram.

A sazonalidade ambiental da região influencia a rotina das famílias, notadamente em relação ao deslocamento a abastecimento de suprimentos que não dispõem no seringal. O clima equatorial úmido concentra chuvas entre os meses de novembro e abril, já a estiagem ocorre entre junho e setembro, quando as chuvas diminuem, permitindo o acesso por vias terrestres. Esse ciclo anual, para a região, divide-se em períodos distintos, designadamente, período chuvoso, período de seca e uma fase intermediária, definida pela transição dos dois extremos climáticos.

Durante essa fase intermediária, o rio Macauã não é navegável e os ramais ainda permanecem intransitáveis, impossibilitando tanto o tráfego fluvial quanto terrestre. Essa condição gera um momento crítico, no qual o acesso à cidade e até mesmo a outras comunidades torna-se inviável. Antecipadamente, as famílias costumam se organizar para estocar suprimentos básicos. Desse modo, é comum que as famílias se desloquem à cidade nos períodos mais acessíveis para realizar a “feira”, adquirindo itens não produzidos localmente. Em alguns casos, contam com apoio da Associação de Moradores da Resex do Cazumbá-Iracema, que eventualmente comercializa produtos essenciais. Tal como os camponeses descritos pelo sociólogo britânico Theodor Shanin, os seringueiros do rio Macauã precisam comercializar sua produção para suprir necessidades básicas que não conseguem atender localmente (Cruz, 2023).

A localização das comunidades ao longo do rio Macauã, em diferentes níveis de distância do centro urbano de Sena Madureira, exerce forte influência sobre os seringueiros. Evidentemente, as famílias mais próximas da cidade de Sena Madureira possuem maior mobilidade para manter regularidade em suas idas ao espaço urbano, seja para a comercialização de produtos, acesso a serviços ou aquisição de mercadorias. Já as comunidades situadas em trechos mais distantes do rio, enfrentam maiores restrições, sobretudo nos períodos de cheia ou de estiagem extrema, o que implica numa organização baseada na antecipação e no fortalecimento das redes de apoio locais. O território, neste caso, converge à instância que media o ritmo reprodução da vida no seringal, bem como o acesso a políticas públicas e as formas de sociabilidade.

A dinâmica territorial impõe limites e, ao mesmo tempo, molda estratégias específicas de organização comunitária, como as associações de moradores, os estoques coletivos e os arranjos produtivos voltados à autossuficiência relativa. Essa relação entre ambiente e sociabilidade remete à análise de David Harvey (1992; 2005) sobre a produção do espaço no capitalismo, onde também é produto das relações sociais e econômicas. Trata-se, portanto, de uma territorialidade marcada pela interdependência entre o uso tradicional da floresta, as condições materiais do espaço e os circuitos mais amplos do mercado e das políticas estatais.

Como visto, a combinação de atividades constitui uma característica marcante dos seringais do rio Macauã. No meio rural amazônico, os seringueiros se situam, do ponto de vista produtivo, na

interseção entre o extrativismo e o campesinato, o que remete à sua dupla condição. São, do ponto de vista sociológico, camponeses, enquanto sujeitos sociais que articulam trabalho familiar, território e modos próprios de vida (Wanderley, 2015; Lima, 2016; Costa *et al.*, 2017; Cruz, 2023), conforme a tradição dos estudos agrários latino-americanos. Mais recentemente, foram reconhecidos legalmente como agricultores familiares, nos termos da Lei n.º 11.326/2006, que estabelece critérios administrativos, incluindo o acesso a políticas públicas voltadas ao meio rural (Hespanhol, 2007; Matte *et al.*, 2018).

Essas práticas produtivas não podem ser compreendidas apenas como estratégias econômicas, mas como expressões de um modo de vida ancorado no território-abrigo (Santos, 1996; 2006). Conforme destaca Cruz (2007; 2023), o modo de vida camponês na Amazônia é refletido na sua organização produtiva baseada no trabalho familiar, que para o caso em estudo, abrange extrativismos, plantios sazonais e a criação de animais, mas também ao conjunto das ações que conferem forma ao campesinato, expressando uma relação profunda com o espaço vivido. Nesse contexto, o território não se reduz a um suporte físico, mas configura-se como espaço de permanência, de pertencimento e de proteção.

5.2. Características da rede de produção

No que diz respeito aos processos extrativos da borracha natural, o circuito integra técnicas extrativas tradicionais, arranjos cooperativistas e fluxos de escoamento interconectados, retratando uma rede de produção delineada por especificidades técnicas e sociais.

Cada seringueiro, sobretudo aqueles inseridos em unidades de conservação, dispõe de aproximadamente três estradas de corte de seringa, cada uma cobrindo cerca de 100 hectares, totalizando em torno de 300 hectares destinados à extração. No âmbito da Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema, a posse territorial dá-se por concessão, onde as terras permanecem sob domínio da União e não podem ser alienadas, cabendo à família apenas o direito de uso das benfeitorias para a exploração da borracha.

O calendário produtivo obedece a um ciclo anual bem definido. Os meses de janeiro, fevereiro e março correspondem ao período de frutificação e repouso vegetativo das seringueiras, sendo aproveitados para a limpeza das trilhas e a manutenção das estradas de seringa. Já a floração ocorre entre agosto e outubro, configurando um segundo intervalo de repouso. Os meses ideais para o entalhe e a extração do látex são abril, maio, junho, julho, novembro e dezembro — etapas que compõem o núcleo da atividade produtiva (Tabela 2).

Tabela 2: Etapas do processo de produção da borracha nos seringais da bacia do Macauã.

Operação	Descrição
Identificação das árvores, abertura de piques e limpeza das estradas	Identificação e mapeamento de seringueiras (≥ 90 cm de diâmetro); abrem-se e limpam-se as estradas de seringa que conectam as árvores. Nos seringais do Macauã, as estradas de seringa são de outro tempo, mantidos em atividade devido ao manejo tradicional e à manutenção dos caminhos existentes.
Raspagem	Raspagem da casca na “bandeira”, respeitando profundidade para não danificar a árvore.
Corte	Realização de cortes em “V” transversais na bandeira, em dias alternados, usando a faca “cabrita” — um corte por bandeira por dia. Para a abertura das linhas que compõem os painéis de extração (bandeiras), recomenda-se dividir a madeira de acordo com a capacidade da seringueira, utilizando, inclusive, um sistema de rotação de painel, enquanto uma bandeira é usada, o outro lado da árvore fica “vadiando” (vida). Fazer a raspagem de maneira superficial. Utilizar o corte amazônico. Embutir o material (bica e tigela).
Coleta	Recolhimento do látex que escorre pelas linhas de corte em tigelas, geralmente três horas após o último corte do dia. Coletar o látex 3 a 4 horas após o corte, não utilizar cernambi e espoco (o tempo de coleta depende de cada estrada). Manter as tigelas sempre limpas e acondicionar o látex em balde específico para a atividade. Transportar o látex em sacos de napa e balde. Evitar impurezas e retirar os detritos que caem na tigela. Limpar a caixa de coagulação antes e após usar.
Coagem do látex	Filtragem do látex em área reservada na propriedade para retirar impurezas (folhas, galhos, insetos, etc.). Realizar a coagem do látex utilizando tela de nylon. Manter a produção em local coberto e fechado, evitando presença de animais.
Coagulação do látex	Adição de coagulante, com descanso do látex em caixas de madeira até solidificar (+ - 24 horas). Coagulação do látex: utilizar limão, leite de gameleira ou caxinguba. Ara misturar o leite com o limão e/ou caxinguba, usar uma espátula limpa e de boa qualidade. Sempre deixar a caixa com a tampa. Lavar o coágulo com água e esponja.
Prensagem do látex	Prensagem em caixa por mais 24 h, ajustando a pressão a cada 4 h; obtém-se prancha. Prensagem: dimensões ideais da borracha: altura: até 20 cm. Peso: até 25 kg. Caixa da prensa com 60x50x40 cm de tamanho. Manter o material limpo. Lavar a borracha quando finalizar o processo de prensagem.
Armazenamento das pranchas	Lavagem e secagem parcial das pranchas; armazenamento em local arejado, suspenso do chão e protegido de sol e chuva até o transporte. Armazenamento família/cooperativa: sempre protegido do sol e da chuva. Deixar a borracha secar no mínimo dois dias antes de acomodá-la. Manter o local limpo e arejado. Protegido de animais. Em estrados de madeiras.
Transporte até a cooperativa	Embarque das pranchas em barcos, levando-se pelo rio Macauã até o local da venda (cooperativa). Estocagem na cooperativa e posterior processo de granulado para a industrialização.

Fonte: Dados sistematizados a partir de observações diretas em campo, com apoio de informações do SOS Amazônia (2021).

Todo o processo, desde a identificação das árvores até o transporte do látex à cooperativa, é realizado de forma manual, segundo práticas tradicionais transmitidas por gerações. Cada seringueiro ou família é responsável por sua estrada de seringa, composta, em média, por 100 a 120 árvores.

O processo começa com a identificação e mapeamento das seringueiras centenárias, árvores com mais de 90 cm de diâmetro, remanescentes dos ciclos pioneiros de exploração. Nos seringais do Macauã, as estradas de seringa são de outro tempo, mantidas em atividade pela persistência do manejo tradicional e pela manutenção dos caminhos originais.

Após essa etapa, realiza-se a abertura ou limpeza periódica das trilhas de acesso que interligam as árvores. As linhas de extração (painéis ou bandeiras) são abertas com base na capacidade da seringueira, adotando-se o sistema de rotação: enquanto um lado da árvore é utilizado, o outro permanece em repouso (o chamado “vadiando” ou “vida”).

A extração do látex é feita por meio da sangria do tronco, utilizando facas específicas — em contraste com os cultivos tecnificados do Sudeste brasileiro, que operam com plantios homogêneos, mecanização e altos investimentos em tecnologia agrícola. A técnica de sangria utilizada é o chamado corte amazônico, feito de maneira superficial para evitar danos à árvore. A incisão é seguida pela embutida do material, com colocação da bica e da tigela para coleta. O látex é recolhido de 3 a 4 horas após o corte, com o tempo de coleta variando conforme cada estrada.

É fundamental evitar o uso de materiais inadequados, como o cernambi e o espoco, além de manter as tigelas sempre limpas e o látex armazenado em baldes específicos. O armazenamento durante o transporte é feito em sacos de napa ou baldes, com atenção à remoção de impurezas. A higienização inclui a limpeza da caixa de coagulação antes e depois do uso, e a coagem do látex com tela de nylon, sempre em local coberto e livre de animais.

A coagulação do látex é feita com o uso de insumos naturais, como limão, leite de gameleira ou caxinguba, misturados com espátula limpa em caixas com tampa. Após a coagulação, o coágulo é lavado com água e esponja. A prensagem artesanal é realizada com prensas manuais, em caixas com dimensões de até 60x50x40 cm, resultando em mantas de borracha com altura de até 20 cm e peso médio de 25 kg. Ao final da prensagem, a borracha é lavada e armazenada em local coberto, limpo, arejado e protegido da umidade e de animais, em estrados de madeira. A secagem mínima antes do acondicionamento é de dois dias (Figura 4).

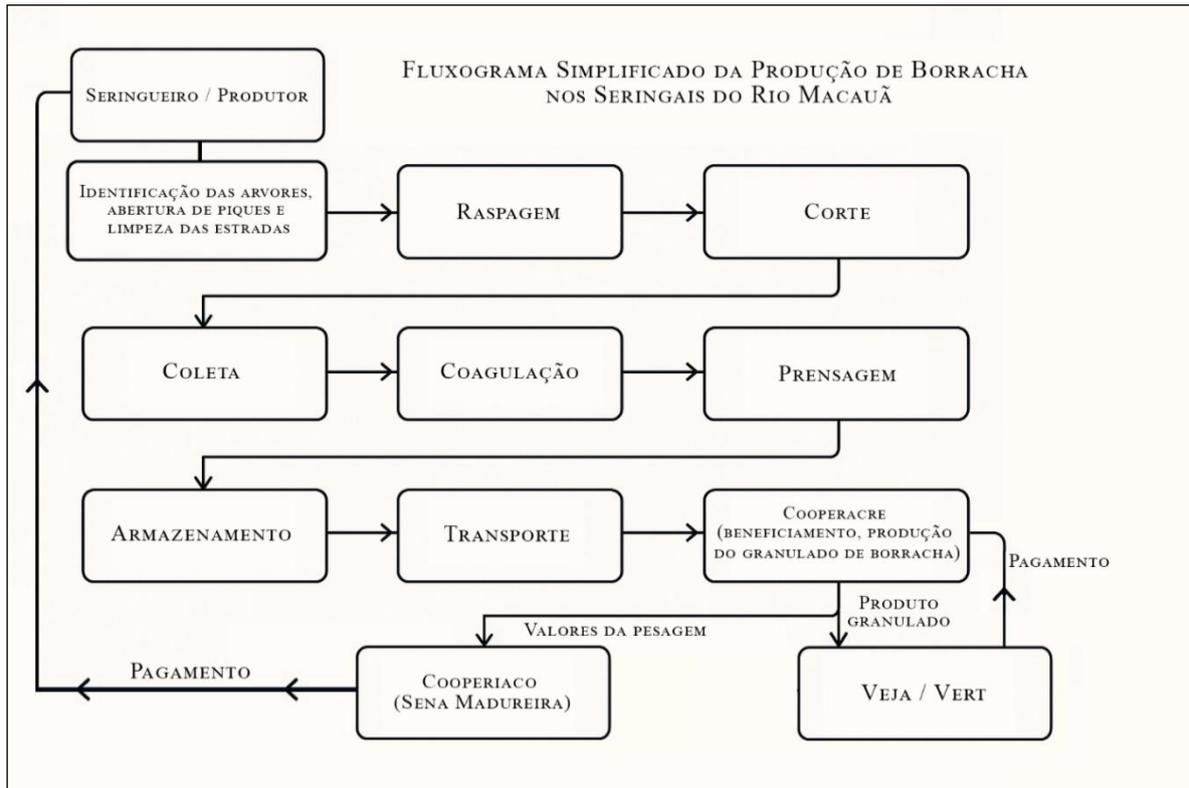


Figura 4 – Esquema do circuito técnico-produtivo da borracha natural até o ponto de entrega na cooperativa.
Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A cultura material do seringueiro acreano expressa a íntima relação entre corpo, técnica e floresta. Seu “kit de trabalho”, composto por poronga, faca de cabrita, balde, tigela, estopa, saco de napa e prensas manuais, reflete um saber prático acumulado ao longo de gerações, constituindo uma extensão do corpo e da identidade do chamado homem-floresta.

A produção de borracha nos seringais do rio Macauã apresenta volume médio anual de aproximadamente 300 quilos por extrativista ou por núcleo familiar, valor considerado abaixo do potencial estimado para a região. Essa produtividade reduzida está associada a diferentes fatores, entre os quais se destacam as dificuldades logísticas, a dispersão geográfica das unidades produtivas e as distintas formas de organização social e fundiária.

A esse conjunto se somam aspectos subjetivos e geracionais identificados nas entrevistas, como o desestímulo de alguns produtores em manter a atividade, por vezes expressos como “falta de ânimo” ou “desgaste” com a lida, bem como a resistência de filhos e jovens familiares em dar continuidade ao ofício, muitas vezes por vergonha ou por desejarem romper com o imaginário tradicional que associa o trabalho do seringueiro à pobreza ou ao atraso.

Observou-se que os seringais situados fora de unidades de conservação produzem menos do que aqueles localizados em reservas extrativistas consolidadas, como a Resex Cazumbá-Iracema. Nos projetos de assentamento, por exemplo, a produção tende a ser ainda menor, e há casos em que

produtores buscam entregar sua produção em nome de terceiros para evitar a formalização junto à cooperativa, escapando assim de encargos como a contrapartida de filiação e obrigações administrativas.

Os dados relativos à produção de borracha natural nas FLONA's evidenciam um descompasso recorrente entre os volumes planejados e os efetivamente realizados. Em 2022, dos 60 mil quilos previstos, apenas 5.619 kg foram produzidos, com nenhum produtor ativo oficialmente registrado naquele ano. Em 2023, apesar do aumento da meta para 70 mil kg, a produção realizada foi de 7.048 kg, o que representa apenas 10% do estimado, embora com 23 produtores ativos identificados.

A organização produtiva dos seringueiros está baseada em formas associativas e cooperativistas. Os extrativistas vinculam-se a grupos comunitários como a Associação dos Moradores da Resex Cazumbá-Iracema, que também comercializa produtos essenciais de forma eventual, e a associações locais como a Associação dos Seringueiros do Seringal Cazumbá e a Associação Redenção Jacareúba. Essas entidades desempenham papel relevante na articulação interna das comunidades, viabilizando a representação institucional e o acesso a políticas públicas.

No plano regional, os seringueiros estão associados à Cooperativa Central de Comercialização Extrativista do Estado do Acre Ltda. (CooperAcre), estrutura que congrega cooperativas locais, como a Cooperiaco, e articula a rede extrativista com compradores de maior escala. Esse sistema cooperado é responsável por centralizar a coleta, o processamento inicial e a comercialização da borracha natural, funcionando como elo entre os territórios extrativistas e as empresas de destino.

O transporte da borracha é geralmente feito pelos próprios seringueiros, por meio de embarcações próprias ou compartilhadas, com divisão de gastos com combustível. Em áreas como o rio Caeté, no período do inverno, é comum a circulação de barcos comunitários que coletam a produção para entrega na cooperativa. Esses arranjos evidenciam as estratégias locais de adaptação logística frente às limitações de infraestrutura.

A logística de escoamento da produção revela ainda a precariedade estrutural e a criatividade dos extrativistas diante das dificuldades operacionais do território. Como destaca Milton Santos (1996), o circuito espacial da produção revela-se na conexão entre práticas locais e fluxos globais de consumo mediados por exigências normativas, como ocorre no caso da borracha amazônica. Já McMichael (2009) contribui ao mostrar como o regime corporativo incorpora práticas tradicionais para atender demandas globais por autenticidade e sustentabilidade, sem eliminar as estruturas de dependência.

Apesar desse modelo organizacional, as comunidades locais enfrentam dificuldades de adaptação plena às exigências dos mercados globalizados. Muitos produtores e cooperativas vivem entre avanços e recuos conjunturais, compondo uma economia regional marcada por assimetrias e

instabilidades, o que revela as tensões entre as formas locais de reprodução social e os imperativos de mobilidade e padronização do capital transnacional (Furtado, 2005).

Antes mesmo da destinação ao encadeamento industrial, parte da borracha extraída é direcionada ao artesanato comunitário. Estima-se que cerca de 20% da produção seja convertida em objetos artesanais, comercializados sob encomenda ou diretamente nas comunidades, sobretudo durante o verão, quando há maior visitação. Não há pontos de venda estruturados nas cidades, o que reforça o caráter territorializado da comercialização.

Os artesãos produzem peças em duas linhas principais: a da fauna amazônica, com representações em látex de tatus, jabutis, jacarés, porcos-do-mato, sapos e aves como araras, entre 10 e 20 cm; e a da flora regional, com moldes de folhas de capeba, gameleira, seringueira, embaúba, cafeeiro, algodoeiro, cacauzeiro, entre outras, com tamanhos entre 20 e 60 cm. Também são produzidos utensílios como suportes, cestas, sandálias, fruteiras e acessórios femininos, como braceletes, brincos, colares e bolsas (Cazumbá, 2025).

A maioria da borracha coletada segue para a rede industrial. Após o processamento inicial em unidades de Sena Madureira ou Rio Branco, onde o material é estabilizado para evitar deterioração, a borracha segue para a Cooperiaco/CooperAcre, onde é pesada, classificada e processada industrialmente. A partir daí, é enviada às plantas produtivas da empresa transnacional Veja, localizadas nos estados do Rio Grande do Sul e Ceará, onde é utilizada na fabricação das solas dos calçados. Cada par de tênis Veja é fabricado com cerca de 20 a 30% de borracha amazônica.

A produção atende aos critérios do comércio justo, com certificações internacionais como a *Fair For Life*, e remuneração diferenciada aos extrativistas. Segundo os critérios da empresa, o uso da borracha amazônica agrega valor simbólico ao produto e reforça o compromisso com a conservação da floresta e com a valorização de modos de vida sustentáveis. Após a fabricação, os calçados são distribuídos para o mercado nacional e para a França, que funciona como *hub* logístico de exportação para outros países europeus, os Estados Unidos e mercados asiáticos. Esse circuito evidencia a amplitude da rede de produção e circulação global da qual os seringueiros amazônicos participam, ainda que em posição subordinada (Figura 5).

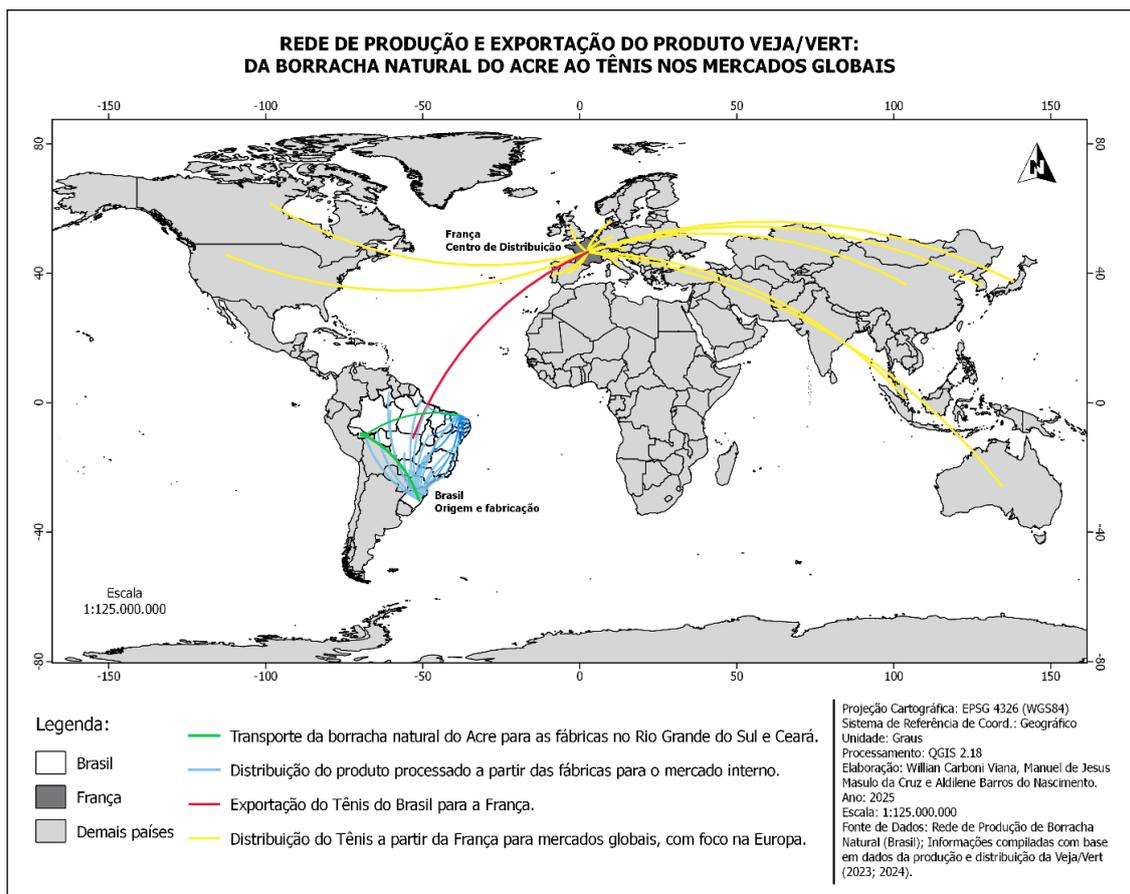


Figura 5 - Rede de produção da borracha natural extraída nos seringais do rio Macauã e distribuição dos calçados com solado emborrachado no Brasil e no exterior.

Fonte: Elaboração dos autores a partir de dados obtidos na Rede de Produção de Borracha Natural e informações compiladas do estimativo de produção e distribuição da Veja em 2023 e 2024.

A centralização da comercialização impacta diretamente o uso e a organização do território. Trata-se de uma relação quase-monopsônica, em que a Veja concentra a maior parte da aquisição da borracha natural produzida no rio Macauã. A remuneração oferecida supere os valores praticados no mercado convencional, não elimina os vínculos de dependência, já que as decisões sobre padrões, prazos e exigências seguem nas instâncias superiores da rede.

Essa dinâmica pode ser compreendida à luz do conceito de regime alimentar corporativo, que diz respeito aos complexos sistemas de produção, distribuição e consumo controlados, predominantemente, por corporações transnacionais. Essas empresas exercem influência direta sobre políticas agrícolas, padrões de produção e acesso aos mercados. Segundo McMichael (2017, p. 107), nos países do Sul, as políticas públicas direcionadas ao meio rural-agrário foram reformuladas para se alinharem ao regime neoliberal, subordinando-se aos interesses do capital internacional.

A valorização do trabalho tradicional, como observado na produção de borracha natural dos seringais do rio Macauã, não elimina desigualdades estruturais, já que o controle do lucro final permanece nas etapas superiores da rede, conforme a lógica descrita por McMichael (2009; 2017).

O uso e a cobertura do solo na região refletem uma predominância de florestas primárias, evidenciando a conservação de áreas naturais e sua relevância ambiental. Florestas secundárias também são identificadas, sinalizando processos de regeneração em áreas previamente impactadas. Áreas de agricultura de subsistência e atividades extrativistas, como seringais, estão localizadas principalmente próximas aos rios, destacando a importância deles para as práticas produtivas locais. As manchas em vermelho indicam a expansão do desmatamento, concentrada principalmente nas bordas das áreas produtivas, como zonas de agricultura e pastagens.

Esse avanço das fronteiras agrícolas ocorre em áreas de transição entre florestas primárias e secundárias, sugerindo uma pressão crescente pela conversão de florestas em uso intensivo do solo. A presença de áreas protegidas, como a Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema e a FLONA do Macauã, evidenciam a coexistência entre esforços de conservação e atividades humanas, reforçando a necessidade de equilíbrio entre produção e preservação ambiental (Figura 6).

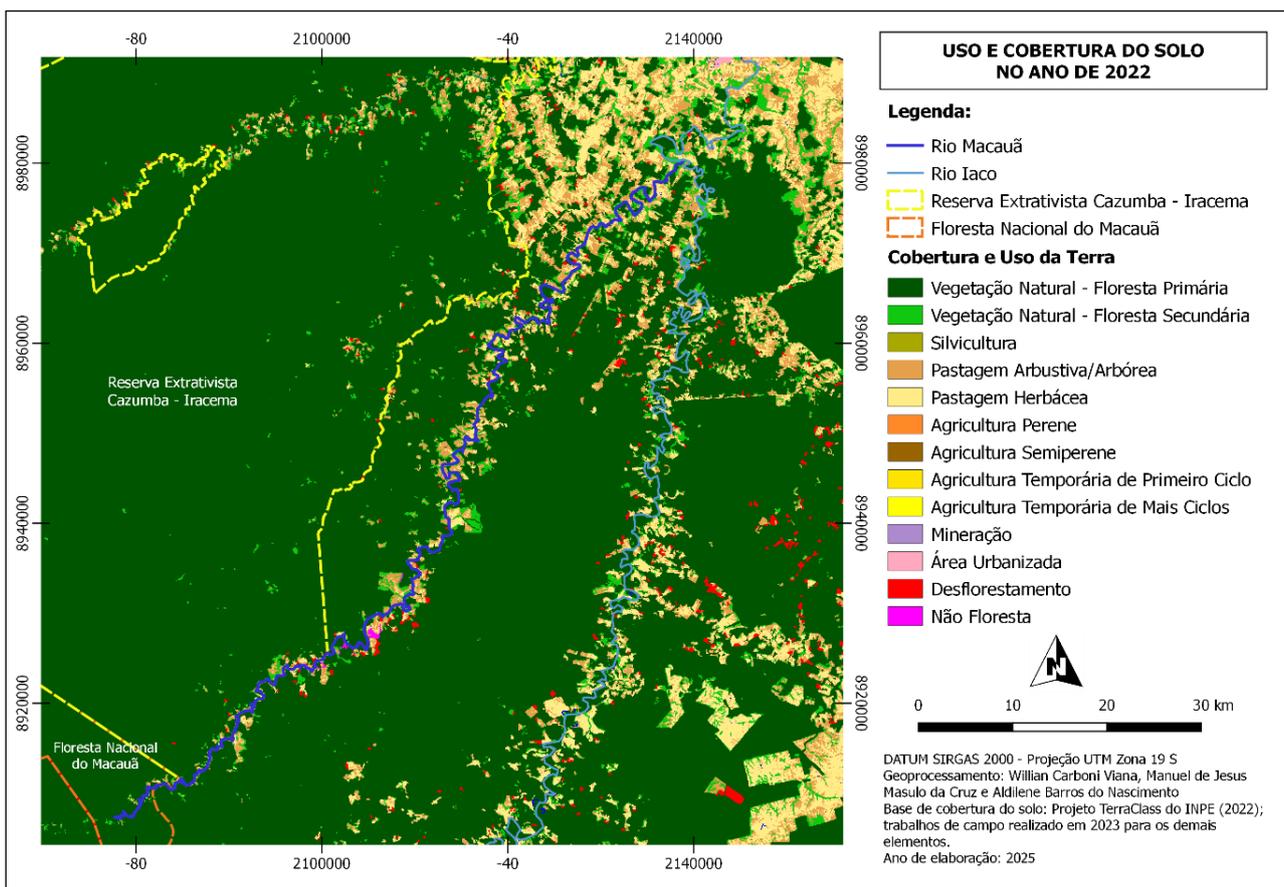


Figura 6 - Uso e cobertura do solo no ano de 2022 (atualizado para 2024).

Fonte: Elaboração dos autores a partir das bases do Projeto TerraClass do INPE (2022) e de trabalhos dos campos realizados.

5.3. A monopolização do território pelo capital nos seringais do Macauã

A presença da Veja no território amazônico exemplifica a interação entre redes globais e práticas locais, marcando o espaço com elementos de uma reterritorialização corporativa. O controle sobre padrões de produção, prazos, certificações e protocolos mercadológicos tensionam as formas tradicionais de trabalho e as formas comunitárias de reprodução social, evidenciando o papel contraditório do capital global em territórios extrativistas (Harvey, 1992; 2005).

Fundada em 2004 pelos franceses Sébastien Kopp e François-Ghislain Morillion, a Veja é uma empresa transnacional voltada à produção de calçados sustentáveis, com atuação destacada no Brasil, especialmente na Amazônia e no Nordeste. Seu modelo de negócios associa práticas de comércio justo, valorização de insumos naturais e marketing socioambiental, voltado a consumidores dos mercados europeu, norte-americano e asiático (Veja Store, 2024).

No Acre, a empresa estabelece parcerias com seringueiros para aquisição de borracha nativa, incentivando a manutenção de práticas tradicionais de extração. Para isso, paga valores entre três e quatro vezes superiores aos praticados por compradores convencionais, assegurando exclusividade e qualidade do produto. Esse diferencial insere os extrativistas em uma rede global de valor, ao mesmo tempo, em que reforça sua dependência frente às exigências do capital transnacional.

Apesar do discurso de valorização das práticas tradicionais, o que ainda sustenta parte da permanência dos extrativistas no corte da seringa é a remuneração diferenciada oferecida pela empresa. Essa lógica de retenção, baseada mais em estímulo financeiro do que em adesão socioterritorial, reforça a assimetria entre as estratégias corporativas de controle e as condições reais de reprodução social dos seringueiros. O extrativismo, nesses casos, passa a ser uma escolha condicionada à compensações econômicas e não pela viabilidade estrutural da atividade.

Além da borracha, a Veja também estabelece parcerias com agricultores familiares no Nordeste brasileiro, voltadas à produção de algodão orgânico segundo padrões de cultivo considerados sustentáveis. A empresa adota, ainda, materiais como couro vegetal e insumos reciclados, compondo uma estratégia de diferenciação pautada na rastreabilidade e na responsividade ambiental. Ainda que promova uma imagem de responsabilidade socioambiental e adote práticas certificadas de comércio justo, a atuação da Veja está profundamente inserida na lógica do mercado global, reproduzindo formas de controle técnico, normativo e simbólico sobre os territórios produtores.

Em regiões com escassas alternativas econômicas, como o Acre, essa atuação pode reforçar dinâmicas de dependência, condicionando os modos de vida locais aos padrões e ritmos exigidos pela exportação para mercados europeus, norte-americanos e asiáticos. Assim, o modelo de negócio da empresa, embora articulado ao discurso da sustentabilidade, opera na tensão entre valorização

simbólica da floresta e subordinação produtiva das comunidades extrativistas, expressando as contradições próprias da territorialização do capital verde (Delgado, 2012).

O sucesso da marca Veja no mercado reflete a aplicação de conceitos como valor da marca e identidade visual. O valor da marca está relacionado à capacidade de estabelecer relação sólida com os consumidores em mercados onde a sustentabilidade e o comércio justo são diferenciais valorizados (Oliveira; Luce, 2011). A identidade visual, por sua vez, desempenha papel fundamental na comunicação dos valores da marca, com elementos, entre os quais, logotipo minimalista e uso de cores neutras que reforçam princípios de transparência e autenticidade, consolidando a percepção da marca enquanto ética e sustentável (Almeida, 2023).

A integração, entre o valor da marca, a identidade visual e as práticas empresariais, constitui um elemento central na consolidação de empresas que adotam a abordagem *sustainable/ ethical branding* no mercado internacional (Delgado, 2012; Ferreira; Oliveira, 2015; Bishop; Scott, 2018; Golob *et al.*, 2022). Nesse contexto, a utilização de materiais locais e o apoio a seringueiros no Acre, e Amazônia, por exemplo, agregam valor simbólico ao produto final, conectando práticas territoriais locais a uma rede de consumo global.

Parte-se de uma estratégia que exemplifica como o território é apropriado, simultaneamente, como espaço de produção e elemento simbólico (Santos, 1996; 2000). A valorização das práticas tradicionais é, ao mesmo tempo, uma estratégia de diferenciação no mercado e um instrumento de controle territorial, que subordina os modos de vida locais às exigências da produção global.

A apropriação do território amazônico para atender às demandas do mercado globalizado reflete contradições no sistema capitalista, onde as práticas locais são valorizadas, porém, subordinadas à lógica da acumulação e às exigências mercadológicas internacionais (Harvey, 2005). E, desse modo, o território amazônico foi integrado às redes de produção globalizadas, ressignificado a partir das práticas tradicionais, expondo tanto a dependência econômica quanto a valorização simbólica (Amazônia como sítio simbólico?!).

A Amazônia, por conseguinte, passa à ressignificada como um sítio simbólico de pertencimento, categoria que designa espaços e práticas carregados de valor identitário e afetivo para os grupos sociais, geralmente locais, que os habitam (Zaoual, 2006). A extração da borracha e a manutenção das técnicas tradicionais passam a ser apropriadas como símbolos de autenticidade, ancorando o produto final a uma origem territorial legitimada pela ideia de floresta em pé.

A partir da perspectiva de Milton Santos, que entende o território como condição e como meio, a Amazônia fornece tanto os recursos físicos, como a borracha, quanto os simbólicos, como as práticas sustentáveis, apropriados para atender ao mercado globalizado (Santos, 2000). Pelo que

expõe, a articulação entre as técnicas tradicionais e as exigências internacionais, sem necessariamente descaracterizar as práticas originais.

Os extrativistas, vinculados à Veja, são remunerados com base no Prêmio Socioambiental (PSSA), que eleva o valor pago por quilo de borracha, sendo de R\$ 3,50 para valores entre R\$ 9,00 e R\$ 12,00, desde que mantenham a floresta em pé e sigam compromissos de responsabilidade socioambiental. Essa governança se estrutura em torno de quatro princípios, os “zelos”: o zelo floresta, o zelo cooperativa, o zelo da qualidade da produção e o zelo do seringueiro, os quais orientam as práticas e o comportamento dos produtores dentro da rede contratual.

O acesso ao crédito produtivo segue limitado. Parte significativa dos extrativistas, cujas estimativas apontam para cerca de 50%, enfrenta restrições devido à inadimplência em programas antigos, como o Prodex e o FNU nos anos 1999-2000, o que os impede de acessar novas linhas de financiamento rural. Essa barreira institucional perpétua ciclos de dependência produtiva e limita investimentos na melhoria das condições de trabalho e produção.

Essa limitação em relação ao crédito compromete a capacidade de investimento das famílias, reforçando os vínculos de dependência. Semelhante ao processo descrito por Costa (2010) para o caso do guaraná em Maués (Amazonas), a inserção dos seringueiros do rio Macauã em redes globais de produção revela uma forma de territorialização do capital mais ou menos específica. Em ambos os contextos, comunidades tradicionais passam a organizar sua produção conforme as diretrizes das empresas transnacionais (AmBev, em Maués, e Veja, no Acre), o que implica em novos arranjos técnico-contratuais e na redefinição dos usos do território. Embora que promovam reconhecimento econômico, esses benefícios são parciais e dependem da manutenção dos vínculos e das exigências externas, o que limita a autonomia das comunidades.

Apesar da inserção subordinada nas redes globais de produção, os seringueiros do rio Macauã mobilizam formas de organização coletiva que podem ser compreendidas como estratégias de resistência territorial. Conforme argumenta Leme (2018), a formação de cooperativas e associações é uma das formas pelas quais camponeses enfrentam as pressões impostas pela lógica de mercado.

No caso acreano, embora tais formas organizativas operem sob forte influência internacional, elas também viabilizam espaços de negociação e de valorização extrativista. Essa resistência, contudo, convive com mecanismos de drenagem de renda (Paulino, 2003; Paulino; Almeida, 2010), pois grande parte do valor agregado à produção é capturado por elos superiores do mercado, como nas etapas de comercialização e branding internacional. O que também foi destacado por Martins (2010), ao assinalar que a exploração camponesa não se dá exclusivamente pela expropriação direta, sendo acrescida da manutenção de formas desiguais de troca.

Essa situação revela como os regimes de acumulação contemporâneos reconfiguram os territórios diversos, no caso estudado, os extrativistas sob as exigências de rentabilidade e eficiência, ao mesmo tempo, em que enfraquecem os mecanismos públicos de sustentação econômica.

Como adverte Harvey (2007, p. 70), “[...] a *tendência neoliberal é esvaziar o conteúdo público das políticas sociais, submetendo-as às lógicas de mercado e eficiência*”. Políticas compensatórias, como, operam mais como paliativos do que como instrumentos estruturantes de transformação social (Delgado, 2012).

A instabilidade do mercado global de borracha, ademais, representa uma ameaça concreta à sustentabilidade territorial dos seringais. Crises econômicas recentes, como a de 2008 e a pandemia de Covid-19, revelaram a vulnerabilidade das teias produtivas frente às oscilações internacionais. Esse quadro acarreta riscos de abandonos produtivos, uma vez que a redução na comercialização da borracha pode levar à subutilização dos seringais, fragilizando o território como espaço de trabalho, identidade e reprodução cultural.

O que, conforme levantado nos seringais do Macauã, adiciona a relação entre a empresa Veja e os seringueiros que, bem sustentada pelo discurso do comércio justo e da valorização da floresta em pé, apresenta tensões concretas ligadas à produtividade e à regularidade da oferta. Conforme dados e relatos de campo, o volume entregue pelos extrativistas tem se mantido aquém das expectativas da empresa, o que pode comprometer a viabilidade econômica da parceria.

A ausência de mercado estável intensifica a drenagem de renda, deslocando parte significativa do valor agregado para fora da comunidade e obrigando os trabalhadores a buscar alternativas econômicas menos sustentáveis ou a migrar para centros urbanos (Martins, 2010; Delgado, 2012). Em contextos de retração econômica, os territórios camponeses e extrativistas tornam-se alvos de novas pressões, seja pela expansão da pecuária, seja por interesses fundiários e políticos.

Apesar das contradições evidenciadas, o fortalecimento da rede de produção da borracha no rio Macauã permanece como possibilidade concreta de garantir melhores condições de vida aos extrativistas e de preservar o território como espaço de existência e resistência. Iniciativas voltadas ao acesso a crédito produtivo, à melhoria da infraestrutura logística e ao fortalecimento das organizações comunitárias podem ampliar a autonomia dos trabalhadores e reduzir sua vulnerabilidade diante do capital externo.

Mais do que objetos de intervenção, os seringueiros devem ser reconhecidos como sujeitos da floresta, como agentes centrais na construção de alternativas sustentáveis enraizadas em seus próprios modos de vida. Nesse sentido, políticas públicas e parcerias devem respeitar os ritmos e os saberes locais, valorizando o extrativismo não como um resquício do passado, mas como uma forma legítima de produzir e habitar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a produção de borracha natural no rio Macauã integra uma rede produtiva globalizada, mas permanece subordinada a um modelo de organização rural caracterizado pela centralização corporativa, padronização técnica e mecanismos difusos de influência, como certificações, rastreabilidade e discursos de sustentabilidade.

A partir dos conceitos de território usado (Milton Santos), circuito espacial de produção (Harvey) e redes globais de valor (McMichael), interpreta-se a inserção dos seringueiros em dinâmicas assimétricas que combinam valorização simbólica e dependência estrutural. A atuação da empresa compradora proporcione reconhecimento econômico e socioambiental, mas não elimina desigualdades históricas que limitam as condições de reprodução social dos extrativistas, como dificuldade de acesso ao crédito, informalidade produtiva e instabilidade da demanda.

A revalorização do látex nativo, agora não mais como *commodity* bruta, mas como insumo *premium* associado à conservação florestal, traduz uma trajetória marcada pela resistência. Os efeitos positivos dessa reinserção na economia verde são parciais, reproduzindo tensões entre permanência e subordinação, autenticidade e padronização.

Embora a remuneração diferenciada contribua para a permanência de parte dos extrativistas, a produção registrada permanece reduzida, e nem todos os potenciais produtores mantêm participação ativa no corte da seringa, cenário percebido nas entrevistas e observações de campo, e que demanda investigações mais amplas.

Mais do que reforçar o papel dos extrativistas como meros fornecedores, é fundamental reconhecer suas formas de organização como projetos territoriais próprios, sustentados pela pluralidade econômica, pela gestão comunitária e por saberes locais. A experiência dos seringueiros do rio Macauã constitui um exemplo de adaptação ao mercado sustentável e uma expressão concreta da dialética entre resistência e reconfiguração territorial, cujo fortalecimento é crucial para a permanência da atividade e para a preservação/conservação das territorialidades da floresta.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Amazonas (IFCHS/UFAM), onde o primeiro autor realiza seu estágio de pós-doutorado, sob a supervisão do segundo autor. Agradecem, igualmente, ao Instituto Federal do Acre – Campus Sena Madureira (IFAC/CSM), pelo apoio operacional que viabilizou os deslocamentos, com destaque ao Diretor-Geral Daryl de Oliveira

Abejdid, ao ex-Diretor Diones Assis Salla e aos demais membros da gestão, nomeadamente, Alexandre Lúcio Amaro, Antonio Fernando de Souza e Silva e Francisca Heliane Torres da Silva.

Os autores também registram agradecimento à Aldilene Barros do Nascimento e ao Professor Airton de Mesquita Silva (IFAC/Rio Branco) pelo apoio na pesquisa de campo e a Luiz Antonio Pacheco Queiroz (UFRB), pelas valiosas contribuições em forma de diálogo e discussão para o desenvolvimento deste estudo.

REFERÊNCIAS

AGENCIA PARÁ. **No Marajó, extrativistas ampliam renda com extração de látex sem danos à floresta.** 2023. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/41218/no-marajo-extrativistas-ampliam-renda-com-extracao-de-latex-sem-danos-a-floresta>. Acesso em: 22 fev. 2025.

ALMEIDA, D. I. O. **Identidade visual da marca: elementos constituintes e processo de criação.** 2023. 115 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Fernando Pessoa, Porto, 2023.

ALMEIDA, M. B. de. Direito à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 33-52, 2004.

ALBUQUERQUE, A. C. S.; SILVA, A. G. da. **Agricultura tropical: quatro décadas de inovações tecnológicas, institucionais e políticas.** Brasília: EMBRAPA, 2008. 2046p.

AMAZONAS. **Extrativismo do látex impulsiona produção de borracha no Amazonas.** 2024. Disponível em: https://amazonasatual.com.br/extrativismo-do-latex-impulsiona-producao-de-borracha-no-amazonas/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 fev. 2025.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011. 229p.

BERNSTEIN, H. Desenvolvimento e subdesenvolvimento. In: OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. (Orgs.). **Dicionário do pensamento social do século XX.** Rio de Janeiro: ZAHAR, 1996. p. 197-201.

BISHOP, R.; SCOTT, S. **The role of ethical brands in regional development and sustainability.** 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332349058_The_Role_of_Ethical_Brands_in_Regional_Development_and_Sustainability. Acesso em: 13 jan. 2025.

BRASIL - MINISTÉRIO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. **Nota Técnica – Grupo Técnico de Trabalho com a CONAB.** Câmara Setorial da Rede Produtiva da Borracha Natural. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/borracha-natural/2024/58a-ro/nota_tecnica_gt_conab-1.pdf. Acesso em: 21 mar. 2025.

CAZUMBÁ. Catálogo de artesanato Cazumbá Arte. Sena Madureira: Cazumbá Arte, 2025. 52p.
CNA - CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL. **Estudo de mercado da borracha natural.** 2020. Disponível em: <https://www.cnabrasil.org.br/publicacoes/estudo-de-mercado-da-borracha-natural>. Acesso em: 21 mar. 2025.

COSTA, L. F. B. da; CRUZ, M. J. M. da; SERRÃO, A. M.; ANDRADE, F. A. V. Campesinato, produção do guaraná e monopolização do território pelo capital no município de Maués–AM. **Observatorio Economía Latinoamericana**, v. 3, p. 1-20, 2017.

CRUZ, M. de J. M. Caboclos-ribeirinhos: camponeses na amazônia. **Revista Geonorte**, v. 14, n. 46, p. 278-297, 2023.

CRUZ, M. de J. M. **Territorialização camponesa na várzea da Amazônia**. 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DELGADO, G. C. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965–2012)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012. 144p.

DINIZ, S. C. Possibilidades da economia popular e solidária no Brasil contemporâneo: apontamentos. **Revista Nova Economia**, v. 29, n. 3, p. 963-985, 2019.

EMBRAPA - EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Cultivo da seringueira no noroeste paulista: aspectos técnicos**. Brasília: Embrapa, 2002. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/17131/1/d24heveicfin.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2025.

FARIAS, C. A.; AZEVEDO, J. M. A.; AZEVEDO, H. S. F. da S.; SANTANA, M. H. M. Cursos do Pronatec: formação e cidadania na Reserva Extrativista do Cazumba-Iracema protagonizada pelo IFAC. In: CONGRESSO NACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS. 1., 2025, Natal. **Anais...** Natal: Editora Scienceduc. p. 1-8.

FERREIRA, C.; OLIVEIRA, J. C. de. **Sustentabilidade e identidade territorial: o branding sustentável no setor agroalimentar**. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jdsci/a/NxV89hYhTQgLk9NjwQ5G2m/?lang=pt>. Acesso em: 13 jan. 2025.

FÓRUM DO ACRE. **Fórum do Acre**. 2024. Produção da borracha: relatório técnico. Rio Branco: Fórum do Acre, 2024. Disponível em: <https://forumdoacre.org.br/wp-content/uploads/2024/01/Producao-da-Borracha.pdf>. Acesso em: 12 maio 2025.

GEREFFI, G.; KORZENIEWICZ, M.; KORZENIEWICZ, R. P. Introduction: global commodity chains. In: GEREFFI, G; KORZENIEWICZ, M. (Eds.). **Commodity chains and global capitalism**. Westport: Praeger, 1994. p. 1-14.

GEREFFI, G.; HUMPHREY, J.; KAPLINSKI, R.; STURGEON, T. Introduction: globalization, value chains and development. **IDS Bulletin**, v. 3, n. 3, p. 1-8, 2001.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLOB, U.; BURGHAUSEN, M.; KERNSTOCK, J.; DAVIES, M. A. P. Brand management and sustainability: exploring potential for the future. **Journal of Brand Management**, v. 29, n. 3, p. 325-342, 2022.

HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Editora Loyola, 1992. 352p.

- HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Editora Annablume, 2005. 252p.
- HESPANHOL, A. N. O desenvolvimento do campo no Brasil. In.: FERNANDES, B. M.; MARQUES, M. I. M.; SUZUKI, J. C. **Geografia agrária: teoria e poder**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007. p. 271-287.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2022: Resultados Preliminares**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE - Cidades**. 2024. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 25 mar. 2025.
- IEA - INSTITUTO DE ESTUDOS AMAZÔNICOS. **Projeto PSE da borracha**. 2023. Disponível em: <https://institutoestudosamazonicos.org.br/experiencia/projeto-pse-da-borracha-veja/>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- ICMBIO. **Plano de Manejo das Florestas Nacionais do Macauã e de São Francisco–AC**. Sena Madureira: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2016. 255p.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica**. Petrópolis: Vozes, 2015. 368p.
- LANDAU, E. C.; HIRSCH, A.; SILVA, G. A.; MOURA, L.; VALADARES, G. M.; MARTINS, J. L. A. Análise integrada da dinâmica da produção agropecuária e da paisagem natural no Brasil nas últimas décadas. In: LANDAU, E. C.; SILVA, G. A. da; MOURA, L.; HIRSCH, A.; GUIMARÃES, D. P. (ed.). **Dinâmica da produção agropecuária e da paisagem natural no Brasil nas últimas décadas: sistemas agrícolas, paisagem natural e análise integrada do espaço rural**. Brasília: EMBRAPA, 2020.
- LEME, S. M. As estratégias de resistência camponesa na contemporaneidade: uma análise dos camponeses da Colônia Pulador em Anastácio–MS. **Campo-Território: revista de geografia agrária**, v. 13, n. 30, p. 92-112, 2018.
- LIMA, P. H. S. A rede produtiva da borracha natural brasileira. 2016, 329 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 2016.
- LIMA, M. S. B.; MOREIRA, E. V. A pesquisa qualitativa em Geografia. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 37, p.27-55, 2015.
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004. 297p.
- MARTINS, J. de S. **O cativo da terra**. São Paulo: Contexto, 2010. 288p.
- MCMICHAEL, P. D. **Food and Agrarian Orders in the World-Economy**. (Contributions in Economics and Economic History). Bloomsbury Academic, 1995. 304 p.
- MCMICHAEL, P. D. Global development and the corporate food regime. In: BUTTEL, F. H.; MCMICHAEL, P. D. (Orgs.). **New directions in the sociology of global development**. Bingley: Emerald Group Publishing Limited, 2005. p. 265-299.

- MCMICHAEL, P. D. A food regime analysis of the 'World Food Crisis'. **Agriculture and Human Values**, v. 26, n. 4, p. 281–295, 2009.
- MCMICHAEL, P. D. **Regimes alimentares e questões agrárias**. São Paulo: Editora UNESP, 2017. 270 p.
- MATTE, A.; SPANEVELLO, R. M.; LAGO, A.; ANDREATTA, T. Agricultura e pecuária familiar: (des)continuidade na reprodução social e na gestão dos negócios. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v. 15, n. 1, p. 19-33, 2018.
- MORAIS, M. de J.; ALVES, J.; BONFANTI, D. C. Dinâmicas fronteiriças: o estado do Acre como corredor da migração internacional. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, v. 24, n. 3, p. 1.269-1.285, 2020.
- MOURA, J. L. P. de. A mercantilização da natureza em 20 anos de políticas de desenvolvimento sustentável no Acre (1998-2018). **Revista GeoAmazônia**, Belém, v. 06, n. 12, p. 33-52, 2018.
- NASCIMENTO, A. B.; VIANA, W. C.; CRUZ, M. J. M. Trabalho feminino e organização produtiva na Reserva Extrativista do Cazumbá-Iracema (Acre). **Marupiara | Revista Científica do CESP/UEA**, n. 15, p. 61-78, 2025.
- ODTA. **Dossiê Acre: conflitos pela terra, políticas públicas e alternativas sustentáveis**. Rio Branco: Observatório do Direito à Terra na Amazônia, 2012. 80p.
- OLIVEIRA, A. U. **Modo de produção capitalista, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007. 184p.
- OLIVEIRA, E. G. de. **Avaliação da rede produtiva da borracha natural em seringais nativos no município de Lábrea, estado do Amazonas**. 2010. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2010.
- OLIVEIRA, M. O. R. de; LUCE, F. B. O valor da marca: conceitos, abordagens e estudos no Brasil. **Revista Eletrônica de Administração (READ)**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 655-679, 2011.
- PAIVA, D. (Org.). **Manual de Métodos Qualitativos em Geografia**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, 2024. 168p.
- PAULINO, E. T. **Terra e Vida: a geografia dos camponeses no norte do Paraná**. 2003. 430 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Presidente Prudente, 2003.
- PAULINO, E. T.; ALMEIDA, R. A. **Terra e território: a questão camponesa no capitalismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 107p.
- PONTES, C. J. F. O primeiro ciclo da borracha no Acre: da formação dos seringais ao grande colapso. **Revista de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Acre**, v. 1, n. 1, 2014.
- REALTIME. **Seringueiros de Manicoré fornecem borracha para produção de pneus da Michelin**. 2023. Disponível em: https://realtime1.com.br/variedades/borracha-de-manicore-abastece-producao-da-michelin/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 22 fav. 2025.

- REZENDE, R. S. **Das Colocações à Vila:** processos de urbanização no Alto Rio Tejo, Acre. 2010, 181f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2010.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo:** globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994. 176p.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996. 392p.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000. 176p.
- SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e pluriatividade. In: SCHNEIDER, S. **A pluriatividade na agricultura familiar.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. 73-108.
- SILVA, A. M.; VIANA, W. C.; QUEIROZ, L. A. P.; CAMPOS, A. C. R.; LIMA, R. da S.; PINHEIRO JUNIOR, E. Toponímia, lugar e cultura: a nomeação dos seringais do rio Macauã em Sena Madureira - Acre. **Revista Geonorte**, v. 15, n. 52, p. 198-218, 2024.
- SILVA, F. E. G. da. **Batalha da Borracha:** o contexto da migração cearense para a Amazônia no período de 1939 a 1970. 2015. 142 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2015.
- SOUSA, E. C. V. T.; COLARES, A. A. Amazônia brasileira: educação e contexto. **Revista Amazônida**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2022.
- SOS AMAZÔNIA. **Boas práticas de extração de látex e produção de borracha Cernambi Virgem Prensado (CVP).** Rio Branco: SOS Amazônia, 2021. 18p.
- TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**, Três Lagoas, v. 2, n. 2, p. 21-42, 2005.
- VEJA STORE. **Borracha:** A principal matéria-prima dos tênis. 2024. Disponível em: <https://www.veja-store.com.br/projeto-borracha.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.
- VIANA, W. C.; QUEIROZ, L. A. P. Integração da América Latina na economia internacional: perspectiva sistêmica a partir da Teoria do Sistema-Mundo. **Fronteiras: Revista Catarinense de História**, n. 42, p. 192–205, 2023.
- VIANA, W. C.; TERRA, A. A dialética entre a agricultura científico-globalizada e as pequenas cidades do baixo Rio Mearim no Maranhão. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 44, n. 1, p. 1-24, 2024.
- YIN, R. K. **Case Study Research:** design and methods. Thousand Oaks: SAGE, 2009. 219p.
- ZAOUAL, H. **Nova economia das iniciativas locais:** uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França/COOPE/UFRJ, 2006. 256p.